



Universidade do Minho
Instituto de Educação e Psicologia

Sónia Raquel Chaves Teixeira

**Os maus tratos entre pares:
um estudo das percepções sociais de
alunos no 2.º e 3.º ciclos do ensino básico**



Universidade do Minho

Instituto de Educação e Psicologia

Sónia Raquel Chaves Teixeira

**Os maus tratos entre pares:
um estudo das percepções sociais de
alunos no 2.º e 3.º ciclos do ensino básico**

Tese de Mestrado em Psicologia
Área de especialização em Psicologia Escolar

Trabalho efectuado sob a orientação da
Professora Doutora Ana Tomás de Almeida

Abril de 2008

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Sónia Raquel Chaves Teixeira

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é, de algum modo resultado de algumas colaborações e prestações de boas vontades. Quero por isso deixar expresso o meu reconhecimento às seguintes pessoas e entidades:

- À Prof. Doutora Ana Tomás de Almeida, pela forma como orientou este estudo, sobretudo pela disponibilidade e pertinência das suas críticas e sugestões.

- À María Jesus Caurcel pelos conselhos e orientação dada para a análise e tratamento de dados do estudo.

- À Prof. Doutora Iolanda Ribeiro (Coordenadora do Mestrado), pela sua disponibilidade e simpatia sempre presente quando as dúvidas surgiram ao longo desta fase.

- Às colegas de mestrado, que acompanharam este mesmo percurso.

- Aos familiares (especialmente Pais e Irmã) que apoiaram e ajudaram desde o primeiro minuto, para que se torne possível a sua concretização.

- Aos amigos (em especial à Isaura) e colegas de trabalho por me terem apoiado na elaboração e ajuda neste estudo.

- Aos Presidentes do Conselho Executivo das Escolas EB 2,3/S de Ribeira de Pena e EB 2,3 de Cerva.

- E claro a todos os alunos e professores que colaboraram na aplicação do questionário, ou seja, no estudo.

RESUMO

Neste estudo o objectivo é conhecer as percepções sociais que os alunos têm acerca dos maus tratos entre pares, podendo estas estarem associadas aos estatutos, às percepções sociais e à vulnerabilidade do papel protagonizado nas situações de maus tratos.

Ao longo do estudo foi administrado o questionário *Scan Bullying* em duas escolas do Distrito de Vila Real, nomeadamente na escola EB 2,3 de Cerva e Ribeira de Pena a 307 alunos do 5.º ao 9.º ano de escolaridade. Com este questionário recolheram-se os dados relativos às percepções dos sujeitos sobre a vitimização, os sentimentos atribuídos a estas situações de maus tratos, o perfil das vítimas e dos agressores e por fim as estratégias de resolução do problema.

Nos resultados obtidos verificou-se que os pares têm a percepção da ocorrência do fenómeno (68,7%), assumindo maioritariamente o papel de não envolvidos (57,0%). Deste modo, perante o fenómeno dos maus tratos os sujeitos sentem-se tristes (72,6%), chateados (56,0%) e furiosos (42,3%). Por sua vez em relação a auto-percepção cerca de 11,7%, auto-percepcionam-se como vítimas e 11,4% como agressores, assim a percentagem obtida na auto-percepção como agressores é inferior a das vítimas.

Os dados relativos às características das vítimas e dos agressores demonstram que os atributos negativos do seu perfil são menos frequentes nas vítimas que nos agressores. A estratégia de resolução do problema escolhida pelos participantes foi a optimista (52,8%), supondo que agressores e vítima se reconciliem e que esta última venha a manter uma relação positiva com o grupo de pares.

Consequentemente, os resultados remetem-nos para o facto de os sujeitos maioritariamente assumirem o papel de não envolvidos no fenómeno e não exteriorizam os seus sentimentos. Há que assinalar que as raparigas se mostram mais empáticas relativamente à vítima, não obstante se evidencia que são os rapazes que estão mais envolvidos nas situações de maus tratos, quer como agressores quer como vítimas.

Em conformidade com os resultados do presente estudo evidencia-se que os adolescentes possuem um conhecimento e uma compreensão alargada do fenómeno, das suas implicações para os protagonistas e para os observadores, desenham os perfis de agressores e vítimas acentuando as suas características mais desviantes relativamente à norma social, mas não deixam de idealizar um final feliz em termos de uma reconciliação.

ABSTRACT

In this study the objective is know the perceptions with students about bullying between peer, will be associated statute, social perceptions and vulnerably.

In study administrated the questionnaire Scan-Bullying in two schools in district of Vila Real, in the Schools of Cerva and Ribeira de Pena School with 307 students in the grades five through nine. This questionnaire we get data relative subject's perceptions by victimation, bullying feelings, victims profile and bullies and the strategies solutions to the problem.

In resulted we see that peers have bullying perceptions (68,7%), and they assume none involved role (57,0%). In study the subjects bullying feel sad (72,6%), upset (56,0%) and furious (42,3%). Peer nomination with victim 11,7%, bullies 11,4%, the percentage the bullies is inferior that of the victims.

The data relative to the victims and bullies characteristics show that the negative attributes are less frequent in the victims than the bullies. Strategies resolution of the problem selected by the participants was optimist (52,8%), in the end victims and bullies refers positive relationship with peer group.

Consequently, the data show us that subjects or not bullying involved nor do they exhibit the sentiments. Girls demonstrate more empathy towards the victim but boys are more involved has bullies and victims.

In conformity, with the results of the present study we came evidence that adolescents have knowledge and large comprehension about bullying, these implications to the protagonists and to the observers, printed the profile off the bullies off victims, accentuating these characteristics more deviator related with the social rule, but is not possible to idealize one happy ending to the reconciliation.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	
Resumo	
Abstract	
Índice geral	
Índice de quadros	
Índice de figuras	
Introdução	11
Capítulo I	16
1. O estudo dos maus tratos	16
1.1. A definição dos maus tratos na investigação	16
1.2. Quadro conceptual	19
1.3. A replicação dos estudos sobre o <i>bullying</i>	23
1.3.1. No Norte da Europa	24
1.3.2. No Sul da Europa	25
1.3.3. Outros Países	29
1.4. Considerações finais da revisão da literatura	32
1.4.1. Programas de Intervenção	32
Reflexão final	36
Capítulo II	
1. A percepção acerca dos maus tratos entre pares	37
1.1. Os estatutos e as reputações sociais	37
1.1.1. Avaliação dos estatutos: nomeações pelos pares e as auto-avaliações	37
1.1.2. Dados desenvolvimentais relacionados com a idade e o género	41
1.1.2.1. Vítimas e agressores	41
1.1.3. Indicadores de ajustamento social: correlatos e preditores	41
2. Do estatuto ao estereótipo social	44
2.1. Características das vítimas e dos agressores	44
2.2. A vulnerabilidade percebida pelos pares, vítimas e agressores	50
2.2.1. Vítimas	50
2.2.2. Agressores	51
2.3. Atitudes sociais face às manifestações dos maus tratos	54

Reflexão Final	56
Capítulo III	57
1. Estudo empírico	57
1.1. Apresentação do estudo	57
1.2. Objectivos do estudo	57
1.3. Questões de investigação	58
2. Método	59
2.1. Projecto-piloto	60
2.2. Participantes	61
2.3. Instrumento de avaliação	62
2.3.1. Questionário <i>Scan Bullying</i>	62
3. Procedimento metodológico e estatístico	65
4. Apresentação e análise dos resultados do estudo	67
4.1. A percepção do fenómeno dos maus tratos pelos pares	67
4.2. Os sentimentos atribuídos pelos sujeitos numa situação de maus tratos	69
4.3. A percepção mediante o estatuto	70
4.3.1. Como vítima	70
4.3.2. Como agressores	71
4.4. O perfil da vítima	73
4.4.1. As características da vítima	73
4.4.2. Os sentimentos da vítima	74
4.5. O perfil dos agressores	75
4.5.1. As características dos agressores	75
4.5.2. Os sentimentos atribuídos aos agressores	76
4.6. As estratégias de resolução do problema	78
4.7. Discussão dos resultados do estudo	79
Conclusão	82
Bibliografia	85

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1: Perfil psicossocial dos alunos agressores e das suas vítimas

Quadro 2: Idade dos sujeitos

Quadro 3: Dados relativos à descrição da história observada

Quadro 4: Os sentimentos atribuídos numa situação de maus tratos

Quadro 5: Auto-percepção da experiência como vítima

Quadro 6: Auto-percepção da experiência como agressores

Quadro 7: O perfil da vítima

Quadro 8: Os sentimentos da vítima

Quadro 9: O perfil dos agressores

Quadro 10: Os sentimentos atribuídos aos agressores

Quadro 11: As estratégias para a resolução do problema dos maus tratos

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 - Caracterização do padrão inibido (Olweus 1993^a)

Fig. 2 - Modelo de relações causais para o padrão agressivo (Olweus 1980)

Fig. 3 - Duas lâminas ilustrativas da narrativa do *Scan Bullying*

Fig. 4 - Gráfico do envolvimento enquanto vítima

Fig. 5 - Gráfico do envolvimento enquanto agressores

Fig. 6 - Gráfico dos sentimentos da vítima

Fig. 7 - Gráfico dos sentimentos atribuídos aos agressores

“A criança tem direito a ser protegida contra (...) os maus tratos...”.

(Declaração Universal dos Direitos da Criança)

“Bullying: a arte de maltratar o próximo”.

(Helena Mendonça, 2005)

INTRODUÇÃO

Se observamos à nossa volta ou estivermos atentos aos meios de comunicação social frequentemente são apresentadas situações ou notícias de comportamentos que não são considerados socialmente aceites e que os alunos desenvolvem, nomeadamente na escola. Então, se reflectirmos algumas dessas atitudes estão intimamente ligadas à violência escolar. O tema da violência escolar, mais concretamente o chamado “*bullying*”, tem inquietado os responsáveis pela educação e até pela saúde das crianças e jovens em idade escolar.

Assim, o que podemos entender pelo fenómeno *bullying*, na literatura anglo-saxónica tem sido definido como um “*abuso sistemático de poder repetido e deliberado*” sobretudo entre os pares e em contexto escolar (Olweus, 1991).

Neste âmbito, o pioneiro na investigação do fenómeno *bullying* foi o investigador Olweus, que desenvolveu estudos de acordo com as características e os factores que poderiam definir o *bullying*. Os resultados obtidos nos estudos de Olweus revelaram a existência de percentagens significativas sobretudo na prevalência do fenómeno em contexto escolar. Na sequência de tais resultados, diversos países sobretudo os situados na Europa e, posteriormente outros países como a Austrália, a América do Norte e o Japão começaram as pesquisas sobre os maus tratos entre pares na escola.

Consequentemente, os estudos indicaram que uma em cinco crianças ou jovens foram vitimizadas, ou afirmam já terem sido vítimas de situações de *bullying*, algumas vezes ou uma vez por semana (Olweus, 1993), esta percentagem foi variável de país para país.

Por sua vez, em relação ao género, os dados apontam para o facto de, os rapazes assumirem mais vezes o papel de agressores do que o de vítimas, no entanto as raparigas tendem a praticar mais agressões indirectas, enquanto os rapazes desenvolvem formas mais directas e observáveis (Olweus, 1993). Relativamente à idade dos sujeitos os estudos efectuados situam os maus tratos entre os oito e os dezoito anos (Olweus, 1993; Smith, 1993).

Atendendo aos dados da prevalência do fenómeno *bullying* a nível mundial, estes constituem matéria de preocupação e de motivação para o desenvolvimento de programas de intervenção anti-*bullying* na escola, em que os objectivos centrais eram: reduzir ao limite do possível a existência de problemas de *bullying* e prevenir o desenvolvimento de novos problemas dentro e fora do espaço escolar (Olweus, 1993).

As primeiras investigações sobre o *bullying* levadas a cabo por Olweus (1993) remetem para a caracterização das vítimas e dos agressores. Nestas investigações refere que as vítimas apresentam dificuldades no relacionamento com os pares, insegurança, baixa auto-estima e dificuldades na interacção com o grupo e isolamento social (Olweus, 1993). e Smith (1999) acrescenta ainda que as vítimas apresentam falta de competências sociais relacionadas com a assertividade.

Por sua vez, os agressores apresentam uma atitude negativa para com os pares, e são considerados impulsivos, agressivos, dominadores e fisicamente fortes (Olweus 1991, 1993).

Importa referir que, para outros investigadores, sobretudo para Salmivalli et al (1999), o fenómeno do *bullying* deve ser encarado com um fenómeno social e não incorrectamente limitado à relação de domínio-submissão entre agressor e vítima, sendo necessário interligar as relações sociais no grupo e as atitudes dos pares, por forma a perceber-se quais os actores principais e secundários no quadro das relações de vitimização entre pares (Salmivalli et al, 1999).

Na presente dissertação de mestrado intitulada “*Os maus tratos entre pares: um estudo das percepções sociais de alunos no 2.º e 3.º ciclos do ensino básico*”, uma das razões que nos levou à escolha do tema não deixa de passar pela complexidade e interesse que nos suscitou o fenómeno dos maus tratos entre pares em contexto escolar, mas sobretudo as percepções sociais inerentes ao fenómeno.

Este estudo propõe-se incidir no quadro das relações que se estabelecem entre a cognição e a experiência social; mas equacionamos ainda a possibilidade de que o estudo analise o fenómeno da violência infantil e juvenil e a prevenção dos actos agressivos entre os pares na escola, e possa contribuir para a promoção de comportamentos socialmente mais competentes.

Os objectivos que visamos atingir com o presente estudo são:

- Realizar uma revisão da literatura dos estudos que incidem sobre: (1) o desenvolvimento das relações sociais no grupo de pares e as situações de vitimização; (2) a percepção pessoal dos maus tratos entre pares; (3) os factores que originam comportamentos agressivos; (4) a vivência de sentimentos por experiência emocional de vítimas e agressores; (5) a atribuição causal dos maus tratos entre pares; (6) as estratégias utilizadas para responder às situações de vitimização;
- Desenvolver um estudo sobre a percepção social dos maus tratos com adolescentes portugueses através da selecção de uma amostra de alunos a frequentar o 2.º e 3.º ciclos da escolaridade básica no Distrito de Vila Real.
- Dar continuação a estudos anteriores e contribuir para a validação do questionário *Scan Bullying*.
- Ambicionamos ainda que o estudo ajude o desenvolvimento de estudos sobre os maus tratos entre pares em Portugal e evidencie a importância destes estudos para a compreensão da violência infantil e juvenil.
- Por último, desejamos que este estudo auxilie na compreensão das dimensões cognitivas e emocionais associadas aos maus tratos através da exploração dos conhecimentos, das atitudes, das crenças, das atribuições, das emoções que os adolescentes experimentam de forma directa ou mediatizada perante situações de maltrato entre pares.

No estudo sobre a percepção social dos maus tratos com adolescentes que frequentam o 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, formulamos algumas questões de investigação que tencionamos testá-las ao longo do estudo. De forma resumida a primeira questão de investigação prevê observar que a percepção social dos maus tratos entre pares varie em função da experiência de maus tratos; a segunda pretende relacionar as diferenças observadas ao nível das explicações do fenómeno pelos participantes do estudo; a terceira está ligada aos sentimentos atribuídos a vítimas e a agressores pelos sujeitos do estudo; a quarta refere-se à

possível relação entre as estratégias de resposta das vítimas com os papéis sociais dos participantes; e a última exclui a possibilidade de encontrar diferenças ligadas ao género.

Quanto à caracterização do método aplicado, apoiamo-nos na análise quantitativa dos dados obtidos na aplicação do Questionário *Scan Bullying*. A sua exploração será feita, nesta fase, a um nível descritivo, considerando ainda o interesse em complementar a análise num plano qualitativo. Neste sentido, foi criada uma base de dados em que se lançaram as respostas ao questionário *Scan Bullying 2005* de todos os participantes e sobre a qual trabalhamos recorrendo ao programa estatístico SPSS - versão 14, a partir do qual se realizaram as análises descritivas dos resultados obtidos.

De uma forma simplificada, o instrumento que foi utilizado neste estudo designa-se por *Scan Bullying 2005* (Almeida & Caurcel, 2005), que consiste num acrónimo de “*Scripted-Cartoon Narrative of Bullying*”, no qual a narrativa em suporte gráfico propõe um estímulo visual para que os participantes interpretem e reelaborem as situações representadas à luz do conhecimento e experiência que possuem acerca das relações de vitimização entre os pares. No questionário os aspectos abordados foram essencialmente cinco: (1) o reconto da história e inferência das causas do maltrato entre pares; (2) a percepção das emoções; (3) a caracterização dos perfis da vítima e do agressor; (4) a selecção das estratégias de resolução de problemas; (5) a previsão de um final e reconhecimento das experiências pessoais.

Relativamente aos procedimentos, a selecção dos participantes ocorreu em duas Escolas do Distrito de Vila Real, nomeadamente na EB 2,3 de Ribeira de Pena e na EB 2,3 de Cerva, onde as crianças e os adolescentes se voluntariaram a participar. A amostra do estudo foi constituída por um total de 307 indivíduos, do 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico (correspondendo ao 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade), dos dois sexos (masculino e feminino), com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos de idade. A aplicação propriamente dita do questionário *Scan Bullying*, realizou-se em sala de aula, de forma colectiva, e sempre que necessário com ajuda do professor, tendo cada aluno realizado o preenchimento aproximadamente em 50 minutos.

A presente tese será constituída por três capítulos, na qual o primeiro capítulo se refere aos estudos realizados acerca dos maus tratos, com especial incidência na definição e caracterização do fenómeno e as repercussões a nível mundial e também nacional, terminando com uma reflexão acerca dos programas anti-*bullying*. O segundo capítulo aborda a percepção dos maus tratos entre pares, englobando os estatutos e as reputações sociais, os estereótipos e atitudes sociais. Por sua vez, o terceiro capítulo, relativo ao estudo empírico, descreve o método utilizado na realização deste estudo sobre as percepções dos alunos acerca dos maus tratos entre pares e centra-se na apresentação e análise dos resultados, com destaque para a discussão e englobando, no final, as conclusões dos dados obtidos.

Parece-nos pertinente realçar que o estudo do fenómeno dos maus tratos é uma condição prévia à prevenção dos desajustamentos sociais e à promoção do clima relacional positivo na escola entre os pares.

CAPÍTULO I

1. O estudo dos maus tratos

1.1. A definição dos maus tratos na investigação

A definição de um termo nem sempre se torna uma tarefa fácil devido às múltiplas investigações acerca do mesmo. Assim, o termo maus tratos atende a aspectos comuns referenciados na literatura que apontam para o facto de os maus tratos se inserirem na sub-categoria do comportamento agressivo.

Olweus, quem primeiramente definiu os maus tratos entre pares, designou-os pelo termo *bullying*, referindo-se-lhes como actos agressivos repetidos entre os pares, através de actos negativos dirigidos a um elemento mais fraco e, em geral, isolado cujo objectivo é o de marcar a superioridade entre o agressor e a vítima (Olweus, 1989).

Os primeiros estudos referem-se a agressões sistemáticas, perpetradas por um elemento ou mais elementos que exercem atitudes de abuso de poder sobre um elemento mais fraco ou em situação fragilizada, resultando difícil para o elemento em desvantagem assegurar a sua protecção ou libertar-se dos abusos cometidos.

Neste sentido, Olweus (1993) elege como *bullying*, os ataques repetidos de um estudante dominador sobre um vitimizado.

Para Olweus (1993) os actos de *bullying* podem ser definidos como situações de vitimização e explica que *“um estudante é vítima de maus tratos quando está exposto repetidamente e, ao longo do tempo, a acções negativas da parte de um ou mais estudantes. Uma acção é negativa quando alguém intencionalmente inflige ou tenta infligir ofensas ou mal-estar a outro. As acções negativas podem ser de natureza verbal: ameaças e chamar nomes; e de natureza física: bater, empurrar e dar pontapés”*.

É necessário fazer uma referência ao termo “maltrato entre os pares” (*bullying*), o qual pode ser visto como um aspecto particular da violência na escola

segundo a definição proposta por Olweus (2000), assim a designação “maltrato entre iguais” deve ser usada quando existe uma relação assimétrica de poder entre os alunos, em que é notório o desequilíbrio de forças entre o agressor e a vítima, daí a dificuldade em defender-se ou proteger-se das agressões de que é alvo.

Esta mesma relação de poder, do ponto de vista de Smith e Sharp, 1994, define o *bullying* como um “*abuso sistemático de poder*”, “*repetidamente e deliberadamente*”, definição que teve como ponto de partida a descrição de *bullying* na literatura anglo-saxónica sido referenciado por Olweus, 1991.

Igualmente, Borg (1999) define os aspectos que estão inerentes ao *bullying*, em que a vítima geralmente é mais fraca que o agente da agressão e os actos agressivos são levados a cabo por um ou mais perpetradores, ocorrendo repetidamente e durante um período de tempo mais ou menos longo, com a intenção de infligir sofrimento ao outro.

Outros investigadores, como é o caso de Salmivalli (2000), explicam o *bullying* como um processo de grupo, um fenómeno social que tem lugar na escola, onde são visíveis as relações sociais no grupo e as atitudes dos pares. Na escola, o *bullying* pode ser visto como uma categoria dos comportamentos agressivos, repleta de poder e de actos agressivos que se repetem ao longo do tempo. Neste âmbito, podem-se observar e identificar os padrões de comportamento mais usuais dos alunos. O envolvimento e a participação dos pares no *bullying*, podem assumir diferentes papéis, isto é, serem actores principais ou secundários no quadro das agressões. Deste modo, surgem os agressores e as suas vítimas, para além do grupo que reforça e encoraja os agressores ou defende as vítimas, por último surge ainda o grupo dos espectadores que não se manifestam nem se envolvem directamente, estão de fora como tudo o que se passasse lhes fosse indiferente.

Tal como Salmivalli, os investigadores, Fontaine e Réveillère em 2004 acrescentam aspectos diferenciados e definem o termo *bullying* como uma violência repetitiva, física e psicológica, perpetrada por um ou vários agressores, ao encontro de uma vítima numa relação de dominação.

No caso português, Almeida em 1999, refere-se aos comportamentos de *bullying* tomando como referência o investigador norueguês Dan Olweus, e refere que se trata de um fenómeno de abuso, que se perpetua através de actos malévolos e repetidos entre pares, cuja a finalidade é alcançar uma posição de

superioridade, frente a um elemento mais fraco ou isolado. A autora utiliza preferencialmente os termos “maus tratos” ou “abuso” como conceitos que na língua portuguesa designam uma variedade de práticas intimidatórias e agressivas que recorrem à força física, moral ou ao estatuto social ou político para as perpetrarem (Almeida, 1999).

O termo *bullying*, para além de descrever as situações de maus tratos entre pares em contexto escolar, pode estar intimamente associado à vitimização, este vocábulo tem sido utilizado na literatura psicológica para identificar os maus tratos perpetuados por um agressor, repetidamente ou por períodos de tempo relativamente prolongados, a outrem, à vítima, geralmente mais fraca ou incapacitada de se auto-defender.

Desta forma, o fenómeno da “vitimização entre os pares” é designado na literatura psicológica de origem anglo-saxónica, pelo termo de “*bullying*” ou “*mobbing*” estando implícito nesta designação que se trata de práticas agressivas ou de intimidação iniciadas por um indivíduo ou por um grupo de indivíduos, que ameaça, persegue, hostiliza ou mal trata fisicamente o outro.

Do ponto de vista mais conceptual o termo *bullying*, pode ser subentendido como um fenómeno social, cuja explicação não pode ter apenas em conta os aspectos comportamentais, mas para o qual aduzem outros factores, nomeadamente o contexto social da escola e a própria estrutura social dos grupos de pares.

Assim sendo, a tradução do termo original *bullying* merece particular atenção, uma vez que, em Portugal, têm surgido algumas dificuldades na utilização do termo.

Consequentemente a definição de *bullying* é dificultada por uma tradução directa da literatura anglo-saxónica do termo *bullying* para o qual não é possível encontrar no léxico português uma tradução literal. No entanto, foi possível recolher uma série de conceitos que se encontram próximos em termos de significado podendo ser até sinónimos do termo *bullying* como: abuso dos colegas, vitimar, intimidar e violência na escola.

Por sua vez, o termo anglo-saxónico “*bullying*” é frequentemente referido para definir e sendo usado como uma associação à violência física ou psicológica

que ocorre persistentemente contra alguém que é frágil e vulnerável face ao poder instalado.

De uma forma global, quando se fala do termo *bullying*, referimo-nos a agressões que se caracterizam pelo desequilíbrio de poder entre agressor e vítima e que ocorrem repetidamente ou por períodos de tempo prolongados, levando a uma progressiva fragilização da vítima ou tornando mais difícil a sua autodefesa.

Concluindo, o fenómeno *bullying* deve ser entendido numa perspectiva múltipla, atendendo às relações interpessoais entre: vítimas, agressores, famílias, escola e sociedade em geral.

1.2. Quadro conceptual

A investigação do fenómeno dos maus tratos iniciou-se sobretudo nas décadas de oitenta e noventa, tendo como objectivo principal caracterizar as manifestações do fenómeno de acordo com factores como: a idade, o género, o contexto escolar, o número de alunos por turma, os locais, a percentagem de agressores e de vítimas (Olweus, 1991, 1993; Smith & Sharp, 1994).

O pioneiro na investigação foi Dan Olweus (1978) na Escandinávia, levantando a sua preocupação em relação aos maus tratos entre pares na escola, e fez com que passasse a ser um problema ligado com a psicologia. Desta forma, o seu estudo foi repetido em diversos países da Europa, da Austrália e do Japão e em mais outros países, onde se adaptaram e aplicaram os questionários de Olweus, contribuindo para que à escala mundial se determinasse a natureza, a frequência, e os tipos de maus tratos em função da idade e do género.

Os resultados obtidos nos estudos realizados nos diversos países remetem para o facto de os dados obtidos não serem iguais, visto haver diferenças entre os países do Norte e os do Sul da Europa. Mas, existem aspectos semelhantes, sendo eles: os tipos de maus tratos: as agressões físicas, as agressões verbais e as agressões indirectas, ligados com a idade e o género. No entanto, verificou-se uma diminuição na frequência dos maus tratos com o avançar da idade (Olweus, 1993; Smith, 1993).

Relativamente ao género, as investigações apontam para o facto de os rapazes estarem mais envolvidos nos maus tratos que as raparigas, tanto como agressores, como vítimas. As diferenças parecem também associar-se à tipologia dos maus tratos com as raparigas mais identificadas às agressões indirectas (exclusão e difamação), enquanto os rapazes desenvolvem mais formas directas e observáveis, sobretudo a agressão física (Olweus, 1993), aspectos que foram evidentes em grande parte das investigações.

Mas a este propósito, o investigador Smith e os colegas também investigaram a diferença do sexo nos diferentes tipos de *bullying* com os alunos do UK. Assim, os rapazes tendem a desenvolver formas mais directas e físicas de *bullying* do que as raparigas, estas por sua vez, envolvem-se mais nas formas indirectas de *bullying*, no entanto os dois sexos usam a agressão verbal directa na mesma taxa e como é evidente, os actos de *bullying* não são exclusivos de um só sexo. Em relação à idade, os sujeitos do estudo encontram-se na faixa etária entre os onze e os quinze anos de idade respectivamente.

Existe um outro aspecto que merece destaque no âmbito da diferença entre os géneros, nomeadamente, a empatia na relação com a vítima, que se caracteriza pela posição de ajuda que, em geral, é adoptada pelas raparigas, no entanto são os rapazes que identificam de forma fácil as crianças ou os jovens que são *bullies* (Estell, Farmer, Pearl, Van Acker & Rodkin, 2003).

Neste sentido, Salmivalli et al. (1998) referem que o comportamento agressivo desenvolvido pelas raparigas pode ser o idealizado ou até o esperado, no limite, nas raparigas é esperado um comportamento social adequado.

Segundo Campbell (1993, citado por Sharp & Cowie, 1998), as raparigas e os rapazes acabam por ser agressivos de igual forma, ou seja, os rapazes usam a agressividade, como por exemplo: batendo para obter a bola de futebol; por outro lado, as raparigas podem: manipular o resto do grupo excluindo alguém de quem não gostam, criticar as colegas pela forma de se vestir ou pentear e, ainda, fazer mexericos de contos e queixas.

Reportando agora para as diferenças no género, mas de acordo com os papéis ou estatutos, o sexo masculino, exerce mais violência sobre os pares, assumindo-se mais como reforçadores e activos. Por sua vez, as raparigas estão frequentemente mais vezes do lado das vítimas, defendendo-as, também, na

resolução dos conflitos; estas negoceiam e afastam-se dos agressores de forma mais fácil que os rapazes (Lagerspetz et al. 1994, Salmivalli et al. 1998).

Da mesma forma, Hymel, Woody & Bowker (1993) presenciaram que as crianças revelam dificuldades em identificar os sinais de desajustamento social, talvez por a inibição comportamental não ser disruptiva, nem chocar com a dinâmica das relações sociais do grupo.

Quanto à variável idade, a grande parte dos estudos demonstram que com o avançar da idade se opera uma diminuição dos actos de maus tratos entre pares. Estes actos podem ser mais frequentes no ensino básico do que no ensino secundário, os estudos efectuados incidiram em idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos de idade (Olweus, 1993; Smith, 1993). Deste modo, os alunos com menos idade são mais frequentemente vítimas e a frequência diminuiu em relação a serem ameaçados com o aumento da idade (Olweus, 1994; Sullivan, 2000; Matos & Carvalhosa, 2001). Por sua vez, nos agressores, regista-se a tendência para um aumento dos actos agressivos com a idade (Solberg & Olweus, 2003; Ramirez, 2006 citados por Benitez & Justicia, 2006).

Além disso, Almeida (1995, citando Ruble, 1983) sugere que, após os sete anos de idade, as comparações sociais tornam-se mais frequentes e diferenciadas. Consequentemente, acentua-se na criança o reconhecimento das suas dificuldades, é notória a rejeição pelos pares, podendo evidenciar-se sentimentos de solidão e depressão infantil. Segundo o estudo efectuado por Machado (2003) os sujeitos identificados pelos pares como vítimas de maus-tratos, estão mais sós nas suas relações com os pares. Sentem-se sós na escola, sentem que têm menos amigos e sentem dificuldade em fazer amigos. Além disso, têm um sentimento de abandono e têm dificuldade em encontrar companheiros para partilharem actividades e intimidade nas suas relações sociais. Porém, os resultados do estudo revelam que os sentimentos de solidão se circunscreviam ao domínio dos pares não se diferenciando os níveis de solidão encontrados para o domínio familiar ou ainda nas medidas de afinidade ou de aversão a estar só. Corroborando esta tendência, as medidas de auto-conceito e de auto-estima avaliadas pela escala de Susan Harter indicaram que os resultados das crianças vitimizadas se diferenciavam significativamente no domínio da auto-imagem social, revelando que estas se percepcionavam mais fragilizadas nesta área, embora mantivessem níveis de auto-

conceito dentro da média noutras áreas, em que não se diferenciavam do grupo de pares.

Estudos efectuados citam que as crianças com oito anos de idade geralmente são vítimas dos três tipos de agressão, ou seja, a física, a verbal e a indirecta. No entanto, a vitimação física baixa, mas a agressão verbal e indirecta aumenta notavelmente entre os onze e os quinze anos (Österman, et al. 1998).

Outras investigações apontam que entre os doze e os catorze anos, a frequência das agressões e a percentagem de alunos vitimados, apresentam valores considerados mais elevados.

Concluindo, Craig, Pepler, Connolly & Henderson (2001) sugerem que nestas idades se dá um aumento dos maus tratos entre pares, pelo facto de se encontrarem no período desenvolvimental da pré-adolescência.

Como referimos anteriormente, o uso das formas mais directas de agressão decrescem tendencialmente ao longo do desenvolvimento, especialmente, nas raparigas, se bem que o mesmo se verifique nos rapazes. Estes recorrem menos à agressão física aos quinze anos, comparativamente aos onze e aos oito anos. No entanto, a agressão verbal aumenta ligeiramente com a idade, fenómeno que se verifica mais cedo nas raparigas do que nos rapazes, só decrescendo na adolescência, por volta dos quinze anos.

As formas mais usuais de mau trato consistem: no ameaçar, no arrelhar, no roubar, no bater, no dar pontapés, no chamar nomes ou no isolar o/os colega (s) (Smith, 2000).

Os locais em que os maus tratos se manifestam, na maior parte dos estudos circunscrevem-se, em primeiro lugar, ao recreio e à sala de aula, seguidos dos corredores e dos acessos à escola (Smith, 2000).

O perfil dos agressores e das vítimas nos estudos realizados, remete-nos para as suas características, as vítimas são: geralmente rapazes franzinos com um aspecto frágil e sensível; ofendidos, humilhados, discriminados, excluídos, perseguidos e agredidos; e apresentam baixa auto-estima; por sua vez, os agressores apresentam-se como impulsivos, agressivos, dominadores, não-empáticos e fisicamente fortes (Olweus, 1993).

O papel que os pais e os professores assumem no processo do *bullying*

pode ser considerado pouco significativo, uma vez que, a sua ajuda só surge quando têm conhecimento que a criança ou jovem são alvo de maus tratos por parte dos pares, e é nesta fase que assumem o papel de protecção, acabando por intervir de forma a resolver a situação.

Os estudos indicam também que uma percentagem preocupantemente baixa de vítimas consegue denunciar a sua experiência, fazendo-o em primeiro lugar aos pais e posteriormente aos professores, pelo facto de estes últimos intervirem muito esporadicamente nas situações de *bullying*, deixando os envolvidos resolverem os problemas sozinhos (Smith, 1993). São sobretudo as raparigas que contam com mais facilidade a alguém quando são agredidas, sendo este comportamento menos observado nos rapazes (Almeida & Del Barrio, 2002). Todavia, metade dos jovens que sofrem maus tratos não contam a ninguém, nem na escola nem em casa, sugerindo que não confiam na ajuda dos adultos ou se sentem envergonhados com a situação, preferindo não contar a ninguém (adultos ou amigos).

Geralmente nas situações de agressão, surge a lei do silêncio, entre o agressor, a vítima e o espectador. O espectador é persuadido directa ou indirectamente a não falar e a ignorar a violência que o agressor exerce sobre os pares (Almeida, Del Barrio, Marques, Gutiérrez & van der Meulen, 2001). Assim, neste triângulo, o agressor sentir-se-á reforçado, porque acaba por ter uma aprovação, e a vítima sente que alguns dos pares preferem o silêncio, o que de certa forma pode dificultar a intervenção a situação de maus tratos na escola (Ortega Ruiz, 1998).

1.3. A replicação dos estudos sobre o bullying

Nos anos noventa após o investigador Olweus ter revelado os resultados do seu estudo sobre os actos de *bullying* na escola, verificou-se que a prevalência do fenómeno apontou percentagens significativas, despertou a atenção sobre o tema dos maus tratos entre companheiros no contexto escolar, levando para o seio das preocupações da psicologia. Em consequência de tais resultados, uma série de países, sobretudo os europeus, para além da Austrália, da América do Norte, do

Japão e de outros países, iniciaram investigações nesta área, na tentativa de obter uma visão da natureza, frequência e tipos de comportamento de maltrato em função da idade, género, dimensões da escola e outros factores socio-demográficos.

1.3.1. No Norte da Europa

Dan Olweus no ano de 1973 iniciou a investigação acerca das características e dos factores que estabelecem o comportamento *bullying*, este estudo precursor abrangeu as seguintes características: cerca de 1000 alunos no total, do 6.º ao 8.º grau de Greater Stokholm na Suécia, os alunos foram classificados em agressores, vítimas e bem adaptados. A média de idade foi de treze anos para o 6.º grau e de quinze anos para o 8.º grau. As variáveis estudadas foram sobretudo as características dos alunos, nomeadamente: as características sócio-familiares, as características externas físicas e também psicológicas, as variáveis associadas à escola, como: a dimensão, a localização, os professores e ainda as variáveis relacionadas com o “clima social na sala de aula”. Os dados deste estudo foram obtidos através da aplicação de um questionário de auto-avaliação.

Os resultados mostram que o *bullying* é um fenómeno que afecta cerca de 10% dos estudantes, distribuindo-se por igual as percentagens obtidas quer de agressores quer de vítimas. Relativamente às características de cada sujeito, verificaram-se alguns aspectos externos que distinguem os indivíduos considerados agressores dos considerados vítimas, sobretudo a força física. A maior parte dos sujeitos envolvidos era do sexo masculino. O carácter dos agressores era de violentos, auto-suficientes e manifestavam uma baixa auto-estima, no entanto as vítimas não eram agressivas nem violentas e manifestavam elevada ansiedade e insegurança.

Olweus continuou a sua investigação e em 1978 desenvolveu um estudo longitudinal na Noruega e na Suécia. Deste modo, apercebeu-se que as crianças e os jovens que entre os treze e os quinze anos de idade tinham sido reconhecidos como agressores ou como vítimas, aos vinte e quatro anos de idade apresentavam maior probabilidade de estarem envolvidos em actividades anti-sociais, isto é, em

comparação com crianças e jovens que não estavam incluídos neste tipo de relação.

Os resultados dos seus estudos permitem a constituição dos perfis que levam a definir as características psicossociais quer dos agressores quer das vítimas: (1) agressores - a atitude com os professores é mais negativa do que a do grupo de controlo e a do grupo dos bem adaptados, e levemente mais negativa do que a do grupo das vítimas. A atitude para os pares é também mais negativa. São ainda menos populares em relação aos bem adaptados, mas mais populares do que as vítimas, no entanto o contacto com os seus pais é considerado inferior; (2) vítimas - habitualmente apresentam algum tipo de *handicap*, nomeadamente: a obesidade e a debilidade; (3) características psicológicas que distinguem os grupos: as vítimas distinguem-se dos agressores por apresentarem uma auto-estima mais baixa e uma maior dependência, igualmente, as vítimas tem uma atitude mais positiva do que os agressores relativamente à agressividade, no entanto a sua atitude em relação aos professores é mais positiva do que a dos agressores, por último as vítimas passam mais tempo em casa que os seus agressores.

Smith (1999) em Inglaterra utilizou a checklist “Life in school” para definir a natureza do *bullying* no ensino secundário. Esta escala é uma alternativa ao *Self-report questionnaire* de Olweus, que foi modificado para ser aplicado em UK, em 24 escolas em Sheffield no final de 1990, em cerca de 6700 alunos repartidos em 2600 na primária e 4100 na secundária.

Os resultados confirmaram que o *bullying* era um fenómeno com uma expansão pouco conhecida pela sociedade, no entanto, o estudo foi capaz de revelar a sua incidência na escola e surgiram outros dados apontando os locais onde ocorriam práticas de vitimização e de agressão com mais frequência, onde o recreio aparecia em primeiro lugar, especialmente nas escolas primárias.

1.3.2. No Sul da Europa

Portugal foi um dos países da Europa onde se realizaram igualmente estudos baseados no instrumento de Olweus (1998) e Smith (1991), basicamente os estudos foram desenvolvidos em dezoito escolas do 1º e do 2º ciclo do ensino

básico (Almeida et al., 1995; Pereira et al., 1996). Os resultados obtidos apresentam-se semelhantes aos resultados de outras investigações nos diferentes países, de facto é nos recreios que se observa a maior frequência de condutas agressivas, seguido do espaço de sala de aula e corredores respectivamente, com valores em termos de percentagem mais baixos.

As investigações de Almeida et al. (1994) em Portugal também são reconhecidas, estas são relativas a dois dos concelhos do Norte do país, em que os dados nos indicam que 21% das crianças entre os sete e os doze anos de idade “nunca” foram agredidas, 73% são agredidas “às vezes” e 5% “muitas vezes”. Estes mesmos resultados apresentaram-se superiores aos dos estudos desenvolvidos em outros países do norte da Europa e por sua vez, inferiores aos da Itália.

Em Portugal, o primeiro estudo do *bullying* na escola, foi desenvolvido pelas investigadoras, Ana T. Almeida, Beatriz Pereira e Lucília Valente (1994) da Universidade do Minho. Realizaram o seu estudo nas cidades de Braga e Guimarães, sendo composto por uma população de 151 crianças do 1.º e 2.º ciclos em idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos de idade e os entre os 10 e os 12 anos de idade, e aplicaram uma adaptação do Questionário de Dan Olweus (1989), que foi reformulado para aplicação em crianças de idades mais baixas. Este instrumento possibilita o apuramento das taxas de vitimização/agressão exercida e sofrida pelos alunos no espaço escolar.

Os resultados obtidos revelam a realidade do mau trato entre pares em contexto escolar. Deste modo, cerca de 73% da população de alunos tinha sido agredido algumas vezes. Os tipos de agressões mais comuns e com maior percentagem foram: o chamar nomes, seguido do falar dele, do bater e dar muros com uma percentagem de 28,6%. Os locais de agressão estavam circunscritos em primeiro lugar, ao recreio com 67,1% e com 32,9% à sala de aula. Os agressores eram originários sobretudo da mesma turma da vítima com uma percentagem de 51,7%, seguido de serem mais velhos com 47,7%. Relativamente ao sexo dos agressores cerca de 56% eram rapazes. As vítimas silenciam os actos agressivos de que são alvo, raramente contam o sucedido quer aos pais e até mesmo aos professores, assim, cerca de 49% dos rapazes assumem não contarem aos seus pais e também não falarem com os professores 58%, por sua vez, cerca de 39% das raparigas preferem guardar silencio em casa e 45% na escola. Conclui-se neste estudo que, os rapazes silenciam mais o fenómeno *bullying* que as raparigas,

o que poderá estar associado a represálias por parte dos agressores ou consequência da sua personalidade.

Também os estudos, baseados em medidas de auto-relato através de uma adaptação dos questionários de Olweus (1998) e Smith (1991), realizados em Portugal em dezoito escolas do 1º e 2º Ciclo (Almeida et al., 1995; Pereira et al., 1996), os resultados apontam que é nos recreios que se observa uma maior frequência de comportamentos anti-sociais, sendo estes espaços, os que apresentam percentagens superiores, no entanto as salas de aula e os corredores, assumem valores mais baixos.

Outro estudo foi desenvolvido em Portugal em Novembro de 2002, por Susana Fonseca de Carvalhosa, Luísa Lima e Margarida Gaspar de Matos da Universidade de Motricidade Humana de Lisboa e da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. O seu estudo pretendeu caracterizar os jovens provocadores e vítimas nas escolas. Foi intitulado de “Violência na Escola: Vítimas, Provocadores e Outros”, foi realizado junto de 6903 alunos do 6.º, 8.º e 10.º ano de escolaridade em escolas de todo o país. Da totalidade dos jovens, 25,7% (1751) afirmou ter-se envolvido em comportamentos violentos, assim: como vítima 13,6%, como provocador 6,3% ou em simultâneo, vítima e/ou provocador 5,8%.

Almeida (Almeida e Del Barrio, 2002), num outro estudo, desenvolveu em colaboração com uma equipa da Universidade Autónoma de Madrid, o *Scan Bullying*. Em Portugal, o estudo decorreu na cidade de Braga, e, por sua vez, em Espanha, na cidade de Madrid. O primeiro estudo foi realizado junto de uma amostra de 120 alunos, sendo 60 alunos de cada país, entre os nove, onze e treze anos de idade. O instrumento utilizado foi o *Scan Bullying*, um material para a avaliação do conhecimento dos maus tratos que reúne 10 vinhetas representando situações de mau trato entre os pares e o guião de uma entrevista semi-estruturada. O estudo circunscreveu-se à recolha e análise dos dados em cada país, a partir da realização de entrevistas, de 30 a 40 minutos, com os participantes no estudo.

Os dados obtidos neste estudo, remetem-nos para três aspectos prioritários do fenómeno *bullying*: a) a representação do mau trato entre pares; b) a representação das emoções do mau trato; c) a mudança da situação. Em resumo, este tipo de método narrativo permite recolher o significado das agressões e mau

trato entre os pares em diferentes grupos de idades e nas actividades em sala de aula.

Em Espanha, Ortega realizou um estudo em que mais uma vez foi utilizado o questionário de Olweus, sendo aplicado a alunos com idades entre os seis e os catorze anos. Deste modo, verificou que 18,3% dos alunos participaram de forma directa nos actos de *bullying* e 14% admitiu ser vítima de *bullying*. Relativamente ao género cerca de 73% são raparigas e 82,7% são rapazes.

Em comparação com outros estudos (Olweus, 1994 e Smith e Sharp, 1994), o estudo desenvolvido por Ortega apresenta algumas similaridades com os anteriores. A primeira similaridade está relacionada com o número de alunos envolvidos em actos de *bullying*, neste estudo a percentagem de estudantes é entre os 14% e 18%. Na análise do número de vítimas e *bullies* encontramos diferenças distintas, estas podem estar ligadas a três razões, tais como: a relação interpessoal que produz um duo entre as razões sociais e as culturais; a análise das questões; a última estará associada ao diferente conceito dos sujeitos envolvidos no problema.

Cerezo e Esteban (1991-1996) incluíram na sua investigação 12 grupos de alunos do 6.º, 7.º e 8.º níveis pertencentes a 4 estabelecimentos do Ensino Geral Básico da região de Múrcia, em que as idades variaram entre os dez e os dezasseis anos de idade, sendo no total 317 alunos, repartidos por 169 rapazes (53,39%) e 148 raparigas (46,61%). Os autores elaboraram o questionário *Bull* e aplicaram ainda uma série de outros questionários relacionados com a socialização, características psicossociais e o nível de auto-estima.

Os resultados deste estudo mostram que: em todos os estabelecimentos de ensino estudados foram encontrados agressores e vítimas; 11,4% dos sujeitos pertencem ao grupo dos agressores, 5,4% ao das vítimas e 83,2% aos dos “outros”, assim, pressupõe-se que 16,8% dos alunos estão envolvidos na dinâmica do *bullying*; a maior percentagem de sujeitos agressores ou vítimas situa-se entre os treze e os quinze anos de idade; o nível educativo que apresenta maior incidência é o 7.º ano; a distribuição por sexos: os rapazes estão mais envolvidos do que as raparigas, quer seja como agressores ou como vítimas, e entre eles é maior a percentagem de agressores do que de vítimas, enquanto nas raparigas acontece o contrário.

Ortega seleccionou para o seu estudo 575 alunos do ensino secundário,

de idades compreendidas entre os catorze e os dezasseis anos de idade, em que 46% eram raparigas e 54% eram rapazes provenientes de 3 escolas diferentes, situadas na região metropolitana de Sevilha. O instrumento utilizado no estudo foi uma adaptação do questionário de Olweus (1989).

Os resultados do estudo demonstraram que: no que diz respeito aos maus tratos e intimidações entre colegas: 5% dos participantes confessaram ser frequentemente maltratados pelos pares, por sua vez 10% afirmaram ser muitas vezes violentos com eles; as formas mais usuais de intimidação e de maus tratos eram sobretudo os insultos e o isolamento social; a distribuição por sexos: 77% assumiram-se como agressores e eram rapazes, cerca de 13% eram raparigas e 10% eram grupos mistos (masculino e feminino); os lugares preferidos para exhibir os maus tratos eram, a aula, o pátio e o corredor; o problema dos maus tratos, entre 30% e 40% desconheciam o problema, 14% justificaram-no e apenas 28% se mostraram indignados, porém, 34% actuaram de forma a impedi-lo e aproximadamente 50% entenderam que devia ser feito algo para resolver o problema, estes dados são relativos aos adultos (pais e/ou professores), por sua vez, os alunos disseram que os adultos estavam de modo geral mal informados acerca dos maus tratos entre pares.

Em Itália, Fonzi (1997) desenvolveu um estudo com cerca de 7018 estudantes da primária e ensino secundário, que abarcou as cidades de Turim, Bolonha, Florença, Roma, Nápoles, Córsega e Palermo. Neste estudo foi utilizado uma vez mais o questionário de Olweus *bully/vítima* (Olweus, 1993), mas sendo traduzido e adaptado à população italiana. Os resultados do estudo na Itália mostraram-se iguais aos dos outros países, nomeadamente os participantes dos maus tratos (vítimas e agressores), as formas usuais e os locais onde decorrem as agressões.

1.3.3. Outros Países

Os primeiros estudos australianos foram desenvolvidos por Rigby e Slee em 1991, reportando-se aos dados obtidos por Olweus e Smith, estes investigadores decidiram elaborar um estudo sobre o *bullying* nas escolas australianas, com o objectivo de conhecer a amplitude do fenómeno.

Os resultados que advieram do estudo de Rigby e Slee (1991), remetem-nos para os aspectos mais comuns do fenómeno que surgiram nos outros estudos, efectivamente, a percentagem dos actos de *bullying* ocorre em maior número com os rapazes do que com as raparigas e, por sua vez, a idade dos sujeitos varia entre os oito e os dezoito anos de idade. Neste âmbito, as formas mais usuais de *bullying* são a física e a verbal que incluem os actos repetida e deliberadamente perante a vítima, através do poder que os *bullies* exercem neste cenário.

Igualmente no Japão, o estudo do fenómeno *bullying* tornou-se pertinente na medida em que, quer os relatos de alunos em contexto escolar, quer mesmo a divulgação de outros estudos desenvolvidos a nível mundial atingiram valores de certa forma alarmantes.

A este nível, o Japão não foi excepção, e em 1994 realizaram-se os primeiros estudos, em que percentagem de actos de *bullying* praticados nas escolas foi algo preocupante (40% na totalidade). No que respeita aos dados, existem indicações sobre o fenómeno que não tinham sido abordadas em algumas investigações anteriores. Basicamente, as formas de *bullying* verbais e indirectas são mais frequentes do que o *bullying* físico. Habitualmente, as vítimas referem que são “atacadas” por vários agressores (três ou quatro). Quando é pedido que digam se a vítima é próxima (em termos de amizade) do agressor, o relato indica que parte delas tem uma relação interpessoal regular. Como é usual, o local onde são praticados os actos agressivos é sobretudo no recreio. Salienta-se ainda que a reacção que a vítima tem, para com o agressor, é de dizer para parar com os actos de *bullying*. Curiosamente quando os agressores se transformam em vítimas, a sua postura modifica e assumem uma atitude idêntica à das suas vítimas.

Por sua vez, o papel que os professores e os pais desenvolvem quando confrontados com situações de *bullying* entre os pares é pouco relevante, visto estes, a maior parte das vezes não terem conhecimento do desenvolvimento de comportamentos agressivos entre os pares, mas, após terem presente a gravidade da situação, aí agem e tentam uma resolução eficaz para o problema.

Outro país que nesta sequência de estudos também desencadeou investigações relacionadas com o *bullying* foi os EUA, onde Floyd (1985-1989) foi o impulsionador do primeiro estudo sistemático das características dos agressores e das vítimas. Escolheu para amostra do seu estudo 72 alunos do 7.º e 8.º graus de

uma escola dos subúrbios de Nova Iorque. Utilizou o questionário sociométrico *Health Class Survey* do próprio autor, com duas versões: alunos e professores, para além de mais dois questionários.

Entre os seus resultados destacamos os seguintes: as vítimas demonstravam uma maior auto-estima pela sua conduta, no entanto os agressores obtinham-na através da sua popularidade e da sua aparência física; as vítimas pontuavam mais do que os agressores nas funções escolares; as mães dos agressores eram mais percebidas como rejeitantes e as das vítimas apresentavam uma excessiva protecção paterna ou materna.

Ultimamente, as investigações de Perry, Willard e Perry (1990) analisaram as consequências que as percepções que os alunos agressores têm da sua própria acção provocam a vitimização aos alunos-vítimas, e apresentam estratégias para combatê-las.

Em forma de resumo, os dados das investigações efectuadas nos diferentes países indicaram que não há uma homogeneidade nos seus resultados, ou seja, existem variações entre os países do Norte e os do Sul da Europa. Apesar das diferenças, verifica-se, uma coincidência nalguns aspectos considerados fundamentais. Assim sendo, a natureza dos maus tratos associada aos diferentes tipos como, as agressões físicas, as agressões verbais e as agressões indirectas estão associadas às variáveis idade e género em que estas apresentam um papel essencial, no entanto, quando se controla o efeito da idade e do género, verifica-se um decréscimo no número de vítimas, sobretudo em alunos do ensino primário e secundário. Por sua vez, o decréscimo, na frequência dos maus tratos, é evidente, quando os jovens passam da fase da pré-adolescência para a fase da adolescência, mas o oposto sucede nos índices de agressão a outros, observando-se um aumento ou a manutenção dos níveis dos que incitam os maus tratos entre pares (Whitney & Smith, 1993; Salmivalli, Lappalainen & Lagerspetz, 1998).

Desta forma, a influência do género nos maus tratos mostra que os rapazes apresentam índices de envolvimento superiores às raparigas, quer seja como agressores, quer como vítimas (Olweus, 1993; Whitney et al. 1993), utilizando essencialmente a agressão física, por sua vez as raparigas e os mais velhos costumam usar os maus tratos mais indirectos (Björkqvist, Lagerspetz & Kaukiainen, 1992; Ortega Ruiz & Mora-Merchán, 1998).

1.4. Considerações finais da revisão da literatura

1.4.1. Programas de Intervenção

Efectivamente, todos os actos agressivos que são desenvolvidos em situações de *bullying* suscitaram algum interesse aos investigadores, sobretudo nas décadas anteriores, ficando o *bullying* a ser encarado como um problema que atinge proporções a nível mundial.

Deste modo, a prevalência do *bullying*, *indica-nos* que um em cada cinco alunos referiu ter sido vítima de maus tratos pelos companheiros. Estes dados impulsionaram a prevenção e, conseqüentemente, intervenções destinadas a estudar e a prevenir os maus tratos na escola.

O investigador Olweus foi o impulsionador dos programas de intervenção anti-*bullying* na escola, através das políticas/programas globais associadas às escolas norueguesas.

O seu programa de intervenção teve como prioridades: reduzir ao máximo possível a existência de problemas *bully/vítima* dentro e fora do espaço escolar; prevenir o desenvolvimento de novos problemas *bully/vítima*; melhorar as relações com os pares na escola (Olweus, 1993 citado por Kallestad & Olweus, 2003).

No programa de intervenção de Olweus existem ainda linhas ou pré-requisitos gerais que prevêm a intervenção especificamente na escola, na sala de aula e no nível individual, sendo as componentes essenciais para que um programa de intervenção possa ter sucesso (Olweus & Alsaker, 1991 citado por Woods e Wolke, 2003).

Efectivamente, as componentes específicas para cada contexto de intervenção pressupõem diversos aspectos a desenvolver na escola: aplicação de um questionário para perceber o fenómeno do *bullying*; realização de conferências escolares sobre o *bullying*; supervisão nos recreios, sobretudo nos intervalos e na hora do almoço; e implementação de um plano de formação e coordenação de grupos de alunos. Na sala de aula a intervenção passaria por: aulas onde se discutem e promovem as regras contra o *bullying*; aulas/encontros regulares com os estudantes; encontros/reuniões com os pais e/ou encarregados de educação

dos alunos. Ao nível individual as componentes de intervenção desenvolveram-se através de conversas/diálogos com as vítimas e os agressores; conversas/diálogos com os pais e/ou encarregados de educação dos estudantes envolvidos; uso da imaginação por parte dos professores e dos pais e/ou encarregados de educação; e desenvolvimento de um plano de intervenção individual (*Olweus Bullying Prevention Program*, 1999).

Concluindo, a intervenção no *bullying* requer o envolvimento de toda a escola e a cooperação dos pais e/ou encarregados de educação dos estudantes.

As conclusões do programa de intervenção de Olweus (1999), remetem-nos para uma redução substancial (cerca de 50% ou mais) nos actos de *bullying* e vitimização entre os estudantes; uma redução em geral nos comportamentos anti-sociais tais como: o vandalismo, roubos em lojas, vadiagem e consumo de álcool; e mudanças significativas do “clima social” da sala de aula, tendo reflexo nos actos dos estudantes melhorando a ordem e disciplina, tal como a atitude mais positiva em relação ao trabalho escolar e à escola.

A nível mundial, a prevenção do *bullying* efectuou-se através da aplicação de diversos projectos, intitulados de anti-*bullying*, com o intuito de reduzir os actos agressivos entre os pares.

Neste sentido, o investigador Smith (1999) desenvolveu um Projecto anti-*bullying* em 1994, que teve a duração de dois anos e esteve a cargo da Universidade Sheffield (Grã-Bretanha) englobando 23 escolas. Uma vez mais a finalidade deste projecto foi intervir em situações de *bullying* em contexto escolar. Os resultados obtidos indicam que, no decorrer da sua aplicação se verificou uma redução significativa das práticas de *bullying* entre os pares na escola.

Posteriormente, e ainda no ano de 1994, Smith com a colaboração de Sharp, publicaram um programa intitulado *Tackling Bullying in Your School*, este assume-se como um guia de actuação, onde estão explícitos os princípios e as normas de comportamento a aplicar junto dos intervenientes, de forma a prevenir as situações de maus tratos entre pares na escola.

A este propósito, o programa de Smith e Sharp apresenta cinco níveis, são eles: (1) a aproximação ao próprio problema; (2) o período que durará a discussão e a reflexão; (3) a elaboração do programa; (4) a implementação do programa; (5) a avaliação, a revisão e as possíveis alterações.

Nos Estados Unidos foi desenvolvido igualmente um programa de intervenção com base no criado por Olweus, tendo como objectivos, a gestão de conflitos, os grupos de amigos, a consultadoria e a ajuda com os pares nas diversas situações.

Posteriormente, em Espanha, Ortega desenvolveu um programa de intervenção designado “The Seville Anti-Bullying Model” que incluiu a participação dos agentes educativos como pais, professores e alunos. O programa teve como linhas orientadoras três aspectos: as actividades se desenvolverem em sala de aula e trabalhos de grupo; o controle em sala de aula ser efectuado através de fóruns e pequenas assembleias; e um currículo transversal englobando programas específicos de educação relacionados com os valores. A sua eficácia foi satisfatória, operando-se uma diminuição dos actos agressivos entre os pares nas escolas que estiveram envolvidas no programa (Ortega & Mora-Merchan, 1999).

Camodeca (2005) refere-se ao estudo desenvolvido com alunos na Noruega, com o objectivo de parar com os actos de *bullying*. Para tal utilizou dois questionários, sendo eles o *Participant Role Scale* (Salmivalli, 1996) e o *Effective Interventions Questionnaire (medidas de auto-relato)*. O objectivo da aplicação destes dois instrumentos circunscreveu-se à opinião dada pela criança referente a aspectos associados com a retaliação, indiferença e assertividade, relacionando-os quanto à eficácia destas estratégias para acabar com o *bullying*. Neste sentido, os itens dos questionários foram apresentados através de três diferentes perspectivas, assim, imaginar ser a vítima, o *bully* ou a testemunha. Os resultados remetem-nos para alguns aspectos que de certa forma podem contribuir para perceber o comportamento exibido perante situações de maus tratos entre pares.

Designadamente em Portugal, o primeiro programa de intervenção relacionado com o fenómeno *bullying*, foi desenvolvido por uma equipa da Universidade do Minho coordenada por Almeida, o projecto estava inserido em dois projectos europeus, preconizando a sensibilização e a identificação das situações que afectam negativamente a relação entre alunos na escola, o projecto designou-se Educação para a Convivência em Contextos Educativos (ECCE).

Neste sentido, os objectivos a curto e a médio prazo estiveram relacionados com o tipo de intervenção em função das necessidades detectadas, assim, os objectivos a curto e médio prazo foram essencialmente: criar um sistema de ajuda

entre alunos; criar um grupo de mediação de conflitos constituído por pais, professores, alunos e funcionários; desenvolver junto dos directores de turma e/ou professores da escola um programa de desenvolvimento de competências pessoais e sociais; envolver os diferentes elementos da comunidade educativa em diferentes actividades de intervenção. Por sua vez, os objectivos a longo prazo passaram por: prevenir e reduzir os níveis de maus tratos e de exclusão social na escola; reduzir o número de conflitos na escola; melhorar as relações interpessoais na escola; melhorar o clima da turma e da escola.

Decorrente dos objectivos do programa, as acções de intervenção iniciaram-se pela formação de tutores e professores e de alunos, com vista a melhorar as já referidas habilidades sociais, as relações interpessoais, o clima da escola e a convivência levando a uma redução dos maus tratos entre pares. As três vias de intervenção circunscreveram-se, ao sistema de ajuda entre alunos, à formação dos directores de turma e à formação de professores, pais e funcionários em competências de mediação de conflitos.

Neste âmbito, o ECCE teve início em Setembro de 1999 e com término no ano lectivo de 2001/02 e teve lugar numa Escola EB 2,3 de Braga, com a população estudantil (cerca de 1.200 estudantes) de entre os seis e os dezassete anos de idade. Após a sua implementação, foi possível efectuar uma análise geral aos seus resultados, estes mostraram-se positivos (resultados globais) e evidenciaram a importância da formação. Relativamente aos alunos confirmou-se que apresentam níveis mais elevados de aquisição de conhecimentos e competências sociais de ajuda e comunicação. Os directores de turma indicaram como aspecto mais importante para o sucesso na formação, o contributo que a formação teve no seu desempenho profissional. A mediação de conflitos permitiu perceber que se revela muito útil para a resolução de conflitos em termos de violência escolar. Assim sendo, a conclusão final considerou que as intervenções contribuem para melhorar tanto as relações interpessoais entre os membros da comunidade escolar como melhorar o clima da turma e da escola.

Reflexão Final

Ao longo deste capítulo tentamos abordar os aspectos mais pertinentes relacionados com o fenómeno *bullying*.

Iniciamos o capítulo com a preocupação de definir o termo *bullying* associando-o aos principais investigadores deste fenómeno, nomeadamente Olweus, Smith, Salmivalli, entre outros. Reparámos ainda que não é tarefa fácil tentar encontrar em português um termo que se equivaie ao termo inglês, assim, ao longo desta dissertação iremos aplicar o termo maus tratos.

Seguidamente fizemos um pequeno resumo dos estudos do fenómeno que tiveram como seu pioneiro Olweus, e foi partir do seu estudo efectuado na Escandinávia que a preocupação em relação aos maus tratos entre pares na escola se desencadeou. O seu estudo foi desenvolvido em diversos países da Europa, da Austrália e do Japão e em mais outros países. Os resultados obtidos nos estudos remetem para o facto de haverem diferenças entre os países do Norte e os do Sul da Europa.

Por último focamos a nossa atenção nos programas anti-*bullying*, uma vez mais foi o investigador Olweus que desenvolveu o primeiro programa anti-*bullying*, destacamos sobretudo os programas desenvolvidos em Inglaterra e em Portugal, respectivamente por Smith e Sharp e por Almeida e colaboradores.

CAPÍTULO II

1. A percepção acerca dos maus tratos entre pares

A percepção dos maus tratos no grupo de pares é influenciada por factores pessoais e sociais que contribuem para a selecção de estímulos e para as percepções obtidas. É sobretudo a percepção social, que caracteriza os fenómenos perceptivos dos grupos, exercendo um efeito de expectativa que normaliza e valida os comportamentos e as atitudes dos seus elementos.

Neste sentido, a percepção social reforça e consolida os papéis sociais que podem ser entendidos como o conjunto de comportamentos que o indivíduo apresenta como membro de uma sociedade e os estatutos, que podemos definir como o lugar que o indivíduo ocupa na hierarquia social, e permite esperar um conjunto de comportamentos por parte dos outros.

1.1. Os estatutos e as reputações sociais

1.1.1. Avaliação dos estatutos: nomeações pelos pares e as auto-avaliações

A nomeação pelos pares implica segundo Salmivalli (1996), a identificação dos seguintes papéis sociais: agressor, assistente, apoiante, defensor da vítima, vítima, indiferente, sem estatuto.

Salmivalli et al. (1996) no seu estudo refere-se aos distintos papéis que podem ser desempenhados numa relação de maltrato, assim entre os rapazes são mais habituais os papéis de aliados e simpatizantes, sendo visível que os simpatizantes têm um estatuto sociométrico mais baixo (apesar de não ser tão baixo como o das vítimas), por sua vez as raparigas que exibem comportamentos agressivos habitualmente têm um estatuto sociométrico ligeiramente superior à média do grupo, no entanto, por vezes são aceites por uma parte do grupo e

rejeitadas pela outra parte. Deste modo, as diferenças que surgem em termos de conduta que cada grupo utiliza são a intimidação indirecta mais ligada com as raparigas, e a intimidação directa e a agressão física mais associadas aos rapazes.

Referindo agora as auto-nomeações e hetero-nomeações (sendo a avaliação realizada pelos companheiros ou pelos professores), nos resultados obtidos verificou-se que os papéis considerados piores pelos adultos (agressor e simpatizantes do agressor) tendem a ser infravalorizados na auto-nomeação, o oposto do que acontece com os considerados melhores (defensor da vítima e não participar em absoluto). Neste sentido, a técnica das nomeações possibilita que os alunos assinalem o tipo de papel que cada aluno desempenha (agressão ou não agressão), sendo difícil avaliar o grau de envolvimento que cada indivíduo tem nestas situações. Assim, a tendência a reconhecer-se como agressor correlaciona-se com o ser identificado como tal pelos pares, como também com a ideia de ser visto como simpatizante do agressor; este aspecto da correlação também surge entre ser o defensor da vítima e não participar.

Salmivalli et al. em 1998 realizou outro estudo com o objectivo de verificar se os papéis se mantinham estáveis, sobretudo nas idades entre os 12-13 e os 14-15 anos de idade, verificando que, o número de vítimas diminuiu, este aspecto prende-se com o facto de ter aumentando o número dos que defendem as vítimas e dos que não participam em pleno, contrariando um ligeiro aumento do número de agressores e dos que os apoiam. A conduta de *bullying* permanece mais estável entre os rapazes que entre as raparigas, entre elas é mais estável a conduta de defesa da vítima.

Por outro lado, as crianças e os jovens que foram nomeados como vítimas apresentam contactos sociais mais positivos com os outros. Existe ainda um subgrupo de vítimas que reage de forma mais agressiva na relação social com os pares, segundo Olweus (citado por Almeida et al, 2002) algumas crianças vitimizadas são provocativas e agressivas.

No que respeita ao género os rapazes são nitidamente mais agressivos que as raparigas (aspecto que se tem verificando ao longo dos estudos desenvolvidos). As raparigas exibem mais comportamentos pró-sociais e segundo Salmivalli et al, 1996 (citado por Almeida et al, 2002) *“é esperado que elas se comportem pró-socialmente, preocupando-se e tentando ajudar os outros...”*.

Atendendo à necessidade de caracterizar os alunos que se envolvem em comportamentos de *bullying*, e partindo do princípio que existem diferentes tipos de envolvimento (agressores, vítimas ou vítimas-agressores), é evidente que surgirem algumas dúvidas relacionadas com a selecção ou construção de instrumentos, sobretudo a preocupação que os dados recolhidos sejam fidedignos para o conhecimento do fenómeno.

Nas diversas investigações realizadas, são várias as opções metodológicas, assim em primeiro lugar, surgem as técnicas de observação natural/directa dos alunos em cenários do dia-a-dia escolar. A escolha por este tipo de metodologia está relacionada com os objectivos dos diferentes estudos, geralmente direccionados para a caracterização dos espaços onde ocorrem os actos de *bullying*, essencialmente o recreio. Habitualmente constroem-se grelhas de observação e de registo das categorias anteriormente definidas e caracterizadas, onde os alunos são observados e posteriormente identificados sempre que desenvolvem comportamentos que, pela sua intensidade e duração, equivalem às categorias. Estes métodos de observação directa facultam informação bastante objectiva acerca das acções específicas dos sujeitos-alvo. No entanto, decorrem algumas dificuldades na utilização destas metodologias de observação, essencialmente nos espaços que são o alvo da observação, aqui um elevado número de alunos partilham e manifestam comportamentos passíveis de categorização, o que dificulta o registo de alguns comportamentos. Por outro lado subsistem alguns comportamentos menos visíveis e audíveis ao observador. Por último, o facto do observador não poder estar presente em alguns locais, situados no interior da escola (balneários e corredores), onde ocorrem alguns comportamentos de *bullying*, este aspecto aponta para uma limitação a ter em atenção na utilização destes instrumentos.

A segunda escolha e sendo a mais utilizada, está ligada com a utilização de instrumentos de auto-preenchimento ou de resposta dos próprios alunos (escalas, inventários ou questionários). Neste caso a caracterização dos alunos ao nível dos seus comportamentos, é feita tendo em conta as suas próprias respostas. Deste ponto de vista parece a opção mais correcta, se não fossem as dificuldades que se colocam quando a resposta autêntica não é considerada a mais desejável socialmente. Craig (1998), nomeadamente acerca da agressão, indica que a

mesma pode ser subestimada nos auto-relatos porque é indesejável socialmente e por vezes não reconhecida pelos agressores, podendo ser inconsciente.

Provavelmente uma das razões para os comportamentos de *bullying* indirectos ou de manipulação social ocorrerem prende-se com o facto de o agressor não ser identificado numa grande maioria das situações. Osterman (1999) acrescenta que, nessas situações, as respostas dos instrumentos de auto-preenchimento poderiam não ser honestas, uma vez que a finalidade do agressor é permanecer desconhecido. Os resultados obtidos por Rigby e Slee (1990) confirmam esta tendência, dado a maior parte dos alunos se mostram inflexíveis em admitir seja o facto de agredirem os colegas, ou de serem agredidos, quando são questionados de forma directa.

O terceiro conjunto de escolhas metodológicas refere-se aos instrumentos em que o preenchimento é feito pelos pares. São a segunda opção, mais utilizada na literatura, em que os colegas identificam ou nomeiam os pares que manifestam determinados comportamentos. Mas, estas avaliações dos pares não constituem uma avaliação considerada “objectiva” da real competência dos sujeitos-alvo. De acordo com a opinião de Hymel, Bowker e Woody (1993), a avaliação colectiva de um dos primeiros grupos de referência da criança, pode ser importante em termos de relações sociais com esses colegas.

Os instrumentos de nomeação dos pares são frequentemente usados para as relações com os pares, os estudos, investigações assentam numa variedade de construtos, incluindo os vários aspectos da agressão e do estatuto social. Tipicamente o uso envolve obter as nomeações dos pares, para além destas nomeações também determinam qual é a proporção ou percentagem nomeada pelos outros e individual (Ernest, Hodges, Little and Hawley, 2005).

Perry, Kusel e Perry (1988), destacam as vantagens destes instrumentos, pelo facto dos pares se encontrarem provavelmente mais atentos a quem costuma agredir e ser vitimizado. Os dados recolhidos pelo grupo de pares, por seu lado, diminui a influência de predisposições individuais (pessoais) e aumenta a fidelidade estatística. Para além disso diminuem as hipóteses dos sujeitos, por lhes ser pedido que respondam sobre terceiros, não serem verdadeiros e darem respostas socialmente desejáveis.

1.1.2. Dados desenvolvimentais relacionados com a idade e o género

1.1.2.1. Vítimas e agressores

Segundo, os estudos da vitimização de Olweus, 1993, 1993 a; Smith & Sharp, 1994 (citado por Almeida, 2000) verifica-se que uma percentagem bastante significativa de crianças modifica os seus estatutos ao longo do desenvolvimento, no entanto a mudança e a diminuição de comportamentos anti-sociais acaba por ser mais acentuada para o grupo das vítimas do que para o dos agressores. Nestas amostras de agressores, é de esperar que o padrão agressivo se acentue na adolescência. Fazendo referência aos dados de Olweus, 1993a (citado por Almeida, 2000), estes indicam que cerca de 60% dos adolescentes com histórias de agressão dirigidas a outros colegas tinham uma probabilidade três vezes maior de ter condenações judiciais a partir dos vinte anos e 40% destes adolescentes acabavam por ter cinco condenações.

As tendências desenvolvimentais mostram que a natureza da agressão varia com a idade. Deste modo, as agressões físicas e o chamar nomes ocorrem com mais frequência nas idades pré-escolar e escolar, por sua vez, as agressões indirectas desenvolvem-se mais na pré-adolescência, sendo ainda de assinalar diferenças de género nestes padrões desenvolvimentais (Almeida, Pereira & Valente, 1994; Almeida, Pereira, Valente, & Mendonça, 1996; Bjorkqvist, Osterman, & Kaukiainen, 1992; Lagerspetz, Bjorkqvist, & Peltonen, 1998 citado por Almeida, 2000).

1.1.3. Indicadores de ajustamento social: correlatos e preditores

No âmbito da linha dos maus tratos existem alguns factores que podem potencializar as dificuldades de inserção no grupo de pares em situação de vitimização (Olweus, 1993 citado por Schwartz, McFadyen-Ketchum, Dodge, Petit & Bates, 1999).

Assim sendo, os aspectos que surgem como mais significativos nas dificuldades de inserção no grupo são, o facto da criança ou jovem estar exposta a um processo de abuso de poder, onde são promovidas por estados cognitivos e afectivos que intensificam percepções de incerteza relativamente ao que lhes pode suceder e sentimentos como a insegurança, tristeza e medo.

Olweus (1978) refere que as crianças submissas e rejeitadas tendem a ser objecto de abuso pelos pares e a sofrer de baixa auto-estima. Deste modo, a vitimação está associada à exclusão social, a níveis de interacção social habitualmente baixos, resultante da rejeição pelos pares (Olweus, 1993).

Neste sentido, o preditor de internalização pode estar associado às dimensões dos problemas de comportamento das crianças e jovens, isto é, um comportamento ainda que não ocorra frequentemente, pode despoletar numa situação de mau trato, como é o caso da somatização e da ansiedade (Achenbach, 1991, citado por Schwartz, McFadyen-Ketchum, Dodge, Petit, & Bates, 1999).

O facto de se ser vítima no passado pode predispor a depressões futuras, é provável que o mal-estar, os sentimentos de inadequação e o pouco valor pessoal “internalizados” se venham a manifestar numa predisposição para agir de forma depressiva (Olweus, 1993 citado por Almeida, 1995). Embora, as crianças e jovens que são vitimizados possam apresentar uma predisposição à internalização e ansiedade, é muito provável que alguns recuperem e funcionem adaptativamente se não forem expostos a agressões repetidas. (Olweus, 1993 citado por Almeida, 1995).

Consequentemente, as crianças e os jovens que chegam ao grupo de pares com comportamentos agressivos e disruptivos (externalização) e as que evidenciam problemas internalizados (isolados e submissos) são crianças e jovens que manifestam dificuldades em integrar-se no grupo. É provável que algumas destas crianças e jovens sejam rejeitadas pelos pares, nomeadamente as vitimizadas.

Outro aspecto a considerar, é a relação entre a agressão e a auto-estima, esta pode levar a consequências intrigantes. Se a auto-estima compreende a pessoa (neste caso a criança e jovem) na globalidade, a autoavaliação que esta/e faz de si própria/o, é um aspecto crucial da personalidade individual. Neste âmbito, quem apresenta uma auto-estima elevada caracteriza-se pelo desenvolvimento de

atitudes positivas, optimismo, sucesso, emoções positivas e boa saúde mental. Por outro lado, quem desenvolve uma baixa auto-estima apresenta características negativas como, a depressão, o medo, a timidez (vergonha) e a solidão (isolamento) (Salmivalli, 2001).

Naturalmente que os actos agressivos tem um impacto nos estudantes que neles estão envolvidos. Este impacto reflecte-se em várias características psicológicas e os seus efeitos podem influenciar o autoconceito e originar problemas de saúde (sintomas psicossomáticos e comportamentos aditivos) ou levar a consequências psicologicamente traumáticas.

Neste âmbito, Rigby, 1999 (citado por Houbre, Tarquinio, Thuillier & Hergott, 2006) menciona que a vitimização severa pode estar associada à saúde física, em particular às vítimas, estas sofrem mais de problemas de sono, de enurese, de dores de cabeça e estômago, sentindo-se também infelizes. Estes sintomas mudam de acordo com o género, frequentemente os rapazes tendem a ter mais dores de cabeça e de costas e a serem mais irritáveis que as raparigas, elas por sua vez são mais nervosas e apresentam mais problemas de sono.

As consequências do *bullying* podem estar de certa forma relacionadas com a manifestação de stress pós-traumático em alguns jovens, sendo vários os critérios para avaliar esta perturbação, estando descritos no *DSM-IV*. Neste âmbito foram vários os autores que descreveram o estado de stress pós-traumático. No caso dos jovens vítimas de *bullying*, estes chegam a manifestar stress pós-traumático mesmo antes dos actos agressivos serem repetidos (Bjorkvist, Osterman, & Hjelt-Back, 1994; Leymann & Gustafsson, 1996 citado por Houbre, Tarquinio, Thuillier & Hergott, 2006).

Contudo, os efeitos do *bullying* podem ser vistos a três níveis: o impacto na identidade, as implicações somáticas e de comportamento e as consequências traumáticas.

No que diz respeito à saúde, habitualmente, os agressores envolvem-se em comportamentos de risco para a saúde, como: o fumar, o beber álcool em excesso e usar drogas (Carvalhosa, Lima & Matos, 2002).

Neste seguimento, os sentimentos de solidão constituem um problema sério na vida das crianças e jovens, sendo evidentes as consequências negativas a curto ou a longo prazo.

Evidentemente que são imensas as causas que contribuem para os sentimentos de solidão desenvolvidos pelas crianças e pelos adolescentes. Algumas destas causas estarão interligadas com o contexto familiar (ligadas com o sentimento de perda de um familiar próximo ou de um grande amigo), com o contexto escolar (associada à rejeição por parte dos companheiros, sobretudo na dificuldade de fazer relacionamentos aceitáveis com os pares) e com as dificuldades nas relações sociais (ligadas a aspectos de personalidade, como a timidez ou mesmo a ansiedade que são um entrave nas suas relações de amizade).

2. Do estatuto ao estereótipo social

2.1. Características das vítimas e dos agressores

Um aspecto priorizado pelo investigador Olweus foi sem dúvida a caracterização quer das vítimas, quer mesmo dos agressores envolvidos em situações *bullying* entre os pares em contexto escolar.

Segundo Olweus (1993), as vítimas tem geralmente as suas características associadas a aspectos pessoais da personalidade, a aspectos familiares, a aspectos escolares e sociais. Tais como:

Aspectos físicos e pessoais:

- Geralmente rapazes franzinos com um aspecto frágil e sensível;
- Costumam apresentar algum tipo de *handicap*, por exemplo, a obesidade;
- Recebem apelidos e são ofendidos, humilhados, discriminados, excluídos, perseguidos e agredidos;
- Apresentam baixa auto-estima, sintomas de depressão, perda de sono ou pesadelos;
- Pouca assertividade, associada à timidez e ansiedade;
- Considerados reservados e pouco populares;

- Podem surgir alguns sinais e sintomas como: enurese nocturna; vômitos; anorexia; bulimia; tentativas de suicídio;

Aspectos familiares:

- Oriundas de famílias super-protectoras e vulneráveis com pouca independência e percebem a organização e controlo familiar existente;

Aspectos escolares:

- A sua atitude perante a escola é de passividade;
- Desinteresse, medo ou falta de vontade de ir à escola, apresentando assim alterações no rendimento escolar (p. ex. notas baixas);

Aspectos sociais:

- Sentirem-se desiguais ou prejudicados;
- Dificilmente pedirem ajuda;
- Dificuldades nas relações interpessoais com os pares;
- Isolamento social;
- Falta de competências sociais relacionadas com a assertividade (Smith, 1999);
- Pouco autocontrolo nas suas relações sociais;
- Sendo considerados fracos e cobardes pelos próprios colegas;

De acordo com as características expostas anteriormente (físicas e pessoais, familiares, escolares e sociais) Olweus (1993) optou por classificar as vítimas em vítima clássica e vítima provocativa.

Assim, segundo Boulton e Smith (1994), é considerada vítima, alguém com quem frequentemente implicam, ou que lhe batem, ou que a arrelham, ou que lhe fazem outros aspectos desagradáveis sem razão aparente.

A vítima clássica, típica ou passiva, é caracterizada por apresentar, uma posição social de isolamento, uma fraca assertividade e grande dificuldade na

comunicação; geralmente adopta uma conduta de passividade; receia previamente a agressão e exterioriza muita vulnerabilidade; revela-se ansiosa, insegura e com baixa auto-estima, e raramente se defende do agressor, estas características estiveram presentes nas investigações com vítimas passivas, estas culpabilizam-se a si próprias da sua situação e até a negam, devido provavelmente ao facto de a considerarem como vergonhosa.

Deste modo, Carvalhosa, Lima e Matos (2002), acrescentam que as vítimas passivas são geralmente mais deprimidas do que os restantes alunos. Apesar de fumarem e beberem menos que os outros, apresentam mais dores de cabeça e dores abdominais. As vítimas têm maior dificuldade em fazer amigos, isto porque sofrem a rejeição dos pares. Em relação à escola acham-na desagradável.

Concluindo, as vítimas passivas são geralmente: ansiosas, inseguras, cautelosas, sensíveis e defensivas.

As vítimas provocativas são aquelas que tentam retaliar quando são atacadas, as suas características estão associadas a uma variedade de reacções agressivas (Olweus, 1994; Schwartz et al., 1997). As vítimas provocativas experimentam habitualmente a recusa ou rejeição social pelos pares. O tipo de padrão de comportamento desequilibrado que caracteriza as vítimas provocativas pode estar relacionado com a exposição à violência e/ou abusos em casa (Dodge, Bates & Pettit, 1990), a pais punitivos que (Schwartz et al., 1997) e que os rejeitam (Dodge, Bates & Pettit, 1990).

Desta forma, as vítimas provocativas tem um comportamento caracterizado por: hiperactividade, ansiedade, defensivas, recusadas pelos pares e exhibe desagrado pela escola (Carvalhosa, Lima & Matos, 2002).

Salmivalli et al. (1996) nomeia as categorias das vítimas de acordo com a avaliação efectuada pelos pares do seu comportamento em situações de *bullying*. Segundo os autores, as vítimas distribuem-se por três categorias, a primeira abrange as vítimas que actuam face ao agressor, ou seja, são as consideradas vítimas retaliadoras; a segunda circunscreve as crianças que quando são vitimadas, fogem do agressor, chorando e apresentando medo, são as denominadas vítimas indefesas; por último, a terceira categoria engloba as vítimas que ficam calmas, não dando importância às atitudes dos agressores e reagem como se nada estivesse a acontecer, são as vítimas indiferentes.

Olweus (1991, 1993) debruçou-se também nas características dos agressores. Em forma de esquema os agressores apresentam as seguintes características:

Aspectos físicos e pessoais:

- Fisicamente fortes e costumam ser os mais fortes da turma;
- Consideraram-se sinceros e extrovertidos;
- São impulsivos, agressivos, dominadores, não-empáticos e ansiosos;
- São crianças e jovens inseguros, que sofrem ou sofreram algum tipo de agressão por parte de adultos e na realidade, eles repetem um comportamento apreendido de autoridade e de pressão;
- Desenvolvem uma auto-estima considerada alta;
- Demonstram uma alta assertividade, que se reflecte em atitudes desafiantes;

Aspectos familiares:

- Provêm de famílias negligentes ou de famílias repressoras, que habitualmente recorrem às punições físicas e psicológicas;
- Os membros da família, sobretudo os pais são considerados hostis e rejeitados, não sendo consistentes na estrutura familiar;
- As famílias apresentam-se com alguns problemas sociais como, isolamento social e conflitos parentais;

Aspectos escolares:

- Não gostam da escola (sentindo-se infelizes) e o seu rendimento escolar é considerado baixo, não conseguindo seguir o ritmo de aprendizagem da turma, uma vez que provavelmente já repetiram algum ano escolar, revelando assim uma atitude negativa perante a escola;

Aspectos sociais:

- Assumem-se com superioridade no grupo, considerando-se líderes no grupo;
- Nas relações sociais, o seu autocontrolo é reduzido, traduzindo-se por vezes em condutas agressivas, de imposição, de teimosia e de indisciplina;
- Os agressores manifestam igualmente falta de respeito pelas regras e normas de convivência social, podendo assumir futuramente posturas anti-sociais.
- Os agressores acham que outros alunos devem fazer-lhes as vontades a que foram acostumados, de facto serem o centro das atenções, estes dois aspectos resultam obviamente da educação a que estiveram sujeitos.

Neste âmbito, é possível elaborar um perfil psicossocial que contribui para delinear os traços comportamentais característicos dos agressores e das suas vítimas (Cerezo, 1991 citado por Ramírez, 2001), (ver quadro 1).

Primeiramente referimo-nos aos factores familiares, que englobam as atitudes e as condutas dos pais para com os filhos, evidenciam-se então os aspectos implicados na aprendizagem das condutas agressivas, como: a atitude negativa entre os pais e os adolescentes, principalmente entre a mãe e o filho; os métodos disciplinares aplicados que envolvem sobretudo a agressão física e a falta de controlo, transformando-se numa disciplina inconsistente; as relações negativas entre os próprios pais; a personalidade do jovem no seu ambiente familiar: nervoso, tranquilo, intolerante e colaborador; a dinâmica familiar caracteriza-se por a existência de problemas conjugais, de alcoolismo, de escassez de recursos, de carências afectivas, de depressões, de stress, de doenças crónicas, de falta de tempo que passam juntos, de actividades comuns; o papel do filho geralmente pode ser: passivo, agressivo, ser o bode expiatório dos problemas conjugais; eventos exteriores à família, nomeadamente: as mudanças de domicílio, a morte de alguns dos seus elementos, o divórcio, o desemprego, o estatuto socioeconómico, o nível académico dos seus membros e a integração na comunidade em geral.

Por sua vez, os factores que estão ligados à conduta social são essencialmente: as amizades e o papel assumido no grupo de amigos; as inclinações e as capacidades para as tarefas; a participação de forma activa em actividades extracurriculares, lúdicas ou formativas; o autocontrolo e a sensibilidade no desenvolvimento das relações pessoais; a capacidade para resolver os conflitos e a reacção exibida perante as acusações; o reconhecimento das capacidades que os outros possam desenvolver; o comportamento manifestado em grupo: a influência, a comunicação e a gestão de conflitos.

Características	Bully	Vítima
Características físicas		
Idade	Superior à média do grupo	Conforme a média do grupo
Número	São mais que as vítimas	São menos que os <i>bullies</i>
Sexo	Na maioria rapazes	Na maioria rapazes
Aspecto físico	Fortes	Fracos
Características académicas		
Rendimento escolar	Baixo	Médio-baixo
Atitude para com a escola	Negativa	Passiva
Clima sócio-familiar		
Autonomia	Alta	Baixa
Controlo	Escasso	Alto
Conflitos	Alto	Médio
Organização	Alta	Alta
Características de personalidade		
Agressividade	Alta	Média
Ansiedade	Alta	Alta
Timidez	Baixa	Alta
Acatamento de normas	Baixo	Médio
Provocação	Alta	Baixa
Sinceridade	Alta	Baixa
Retraimento	Baixo	Alto
Psicose	Médio-Alto	Baixo
Neurose	Médio-Alto	Médio-Baixo
Extroversão	Médio-Alta	Moderada
Auto-estima	Alta	Moderada
Autocontrolo	Baixo	Médio
Importância sócio-escolar		
Rejeição	Alto	Muito alto
Agressividade	Alta	Média-baixa
Estudo	Muito baixo	Médio-baixo
Aceitação	Moderada	Muito baixa
Relações	Alto	Muito baixo

Quadro 1- Perfil psicossocial dos alunos agressores e das suas vítimas (Ramirez, 2001, p. 114)

2.2. A vulnerabilidade percebida pelos pares, vítimas e agressores

A vulnerabilidade é um processo interaccional, onde é importante investigar onde e porquê as características comportamentais e não comportamentais estão associadas às experiências agressores-vítimas, não esquecendo os aspectos negativos que podem advir para as vítimas de *bullying* entre os pares. Especialmente, as reputações sociais negativas afectam o estatuto social e as auto-percepções da criança e dos adolescentes.

Hymel, Wagner e Butler (1990 citado por Almeida, Caurcel & Machado, 2006), também são da opinião de que as relações interpessoais podem dificultar a competência social na transição da infância para a adolescência.

Efectivamente, nas relações entre os pares, algumas crianças são sujeitas a agressões repetidas, e estas podem vir a constituir um factor de vulnerabilidade. Diariamente, as zangas, os rumores maliciosos, as manobras de grupo para impedir alguém de participar, para exercer vingança ou excluir, são formas de agressão relacional que o clima do grupo pode incentivar ou consolidar (Almeida, 2000).

2.2.1. Vítimas

Na problemática da vulnerabilidade devem ser considerados diversos factores em relação aos maus tratos, que estão longe de se constituir como um padrão homogéneo.

Assim, no caso das crianças vitimadas na escola pelos pares, os factores de risco incluem os factores temperamentais, em geral, um temperamento sossegado e a timidez.

A este propósito, Smith (1991) reforça que as crianças vitimadas na escola são usualmente crianças com falta de competências sociais, destacando-se o domínio da assertividade, a dificuldade de lidar com os pares dominadores e agressivos, o que de certa forma as expõe em relação aos companheiros agressivos, e em situações de confronto, mostram-se ansiosas e não se

conseguem afirmar. Estas crianças não parecem ser capazes de evitarem situações de risco potencial, acabando por ficar bastante desprotegidas e serem alvo de agressões pelos pares. Este aspecto tem tendência a diminuir com a idade, como tivemos oportunidade de referir anteriormente, assim, à medida que a criança se vai tornando mais autónoma e mais confiante.

2.2.2. Agressores

Os factores de risco podem estar ligados com alguns modelos psicológicos (Schwartz, 1993), ou seja, com o desenvolvimento de padrões de conduta agressivos, que tem a sua origem em antecedentes familiares. Porém, se considerarmos um ambiente familiar agressivo (segundo o modelo de aprendizagem social), encontraremos um terreno favorável para o crescimento de padrões comportamentais agressivos, o mesmo se pode passar com a existência de uma educação demasiado repressiva ou punitiva.

O estudo que Schwartz (1993) desenvolveu durante cinco anos, demonstrou que o contacto que a criança tem com ambientes agressivos pode desenvolver nela uma percepção de normalidade, isto é, exibindo atitudes semelhantes, dado as perceberem como positivas.

Estas ideias são igualmente partilhadas por Olweus (1993), os agressores mostram possuir um conceito de si e a agressividade poderá significar um aspecto de resolução dos problemas (por parte do agressor), acabando por manipular as situações em relação aos pares e em relação aos adultos (pais e professores).

Para além destes aspectos, também a minoria étnica a que possam pertencer, e as possíveis dificuldades de aprendizagem funcionarão como factores de fragilização, que por sua vez, poderão ser utilizados pelos vitimizadores (Smith, Bowers, Binney & Cowie, 1993 e Ortega Ruiz, 1998).

Toda esta problemática possibilitará definir o perfil social do padrão agressivo e do padrão inibido. Estas questões, centram-se em saber quais as características que servem de base para identificar o padrão da vítima comum ou inibido e do padrão agressivo.

Para uma maior compreensão, nada melhor do que fazer uma caracterização breve dos dois padrões. Desta forma, o padrão inibido pode ser

caracterizado, segundo Olweus (1993a) pela ausência ou presença de níveis de interacção social. Este padrão comportamental não é linear, apresentando três categorias de mecanismos ou causas, como: a inibição, a vergonha e os medos; a introversão ou a baixa sociabilidade e também a rejeição pelos pares (ver figura 1).

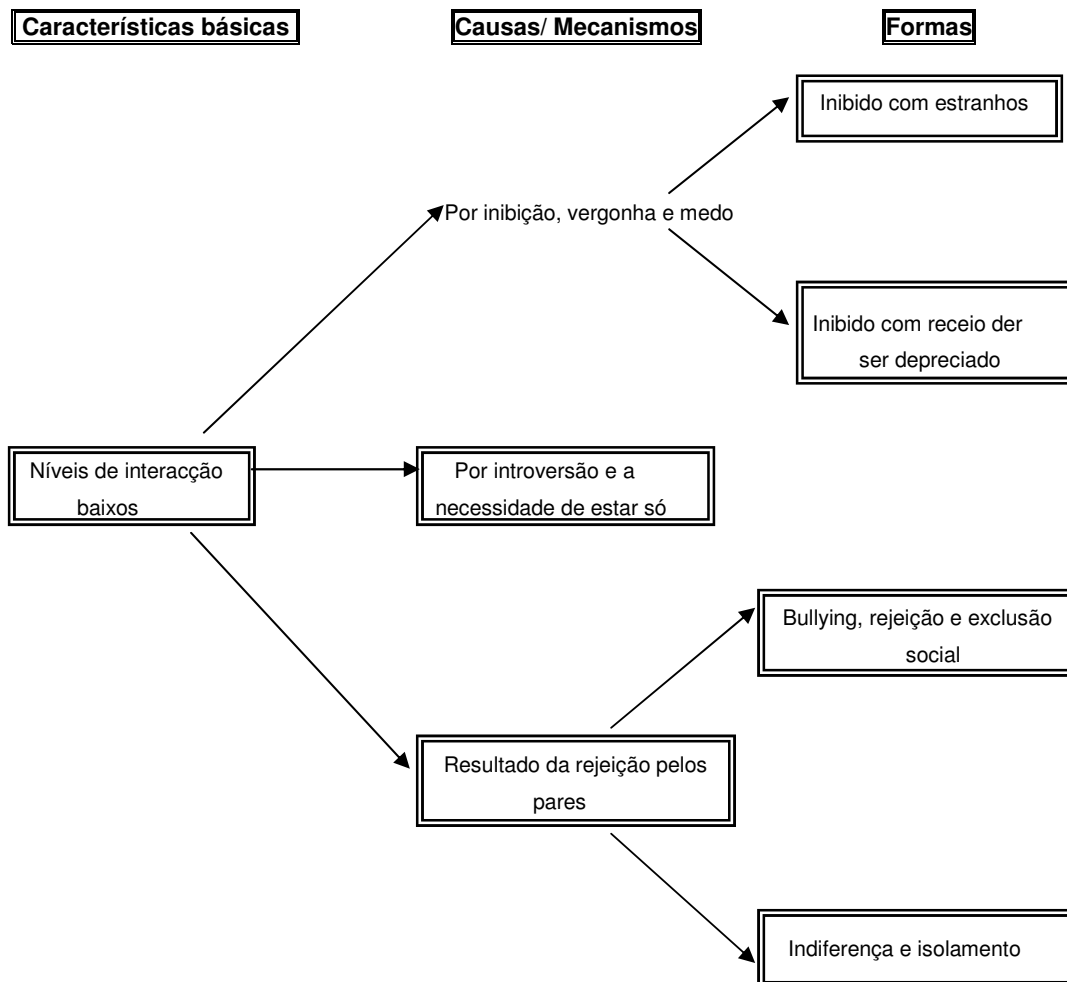


Figura 1. Caracterização do padrão inibido (Olweus 1993^a)

Nesta figura, as duas primeiras categorias reportam-se a características individuais. Na primeira, os sujeitos apresentam uma tendência para se aproximarem dos outros, mas, a sua aproximação é bloqueada por um comportamento de ansiedade. No entanto, quando a interacção social é causada por introversão, os sujeitos não têm interesse no desenvolvimento das interacções sociais e preferem estar sós. A terceira categoria, representa um bloqueio externo nas interacções sociais dos sujeitos, tal acontece devido ao facto de os sujeitos não serem aceites, nem apreciados pelos seus pares.

Este modelo de Olweus evidencia a importância que a família tem como indicador de problemas que, de certa forma, podem estar ligados à vitimação. Principalmente, a superproteção materna da criança ou jovem, esta mesma atitude poderá levar a um comportamento considerado passivo, pelo facto de não existirem experiências significativas com os outros pares durante toda a infância. Considerando, a influência do comportamento paterno, este poderá determinar igualmente a postura da criança com o seu grupo de pares.

Relativamente ao padrão agressivo é necessário reportar para o perfil da criança ou adolescente agressivo, isto é, o recurso pela violência e o recurso frequente a estilos agressivos. A criança agressiva ou o adolescente que habitualmente se envolvem em práticas agressivas não são obrigatoriamente provocados para agir, as reacções agressivas são na maioria auto-iniciadas (Olweus, 1993 citado por Almeida, 1995). Estas reacções caracterizam-se pela impulsividade, com um forte desejo de dominar os outros e pouca empatia com as vítimas.

De acordo com os estudos de Olweus (1979, 1980, 1993 citado por Almeida, 1995), existem três possíveis factores que explicam o padrão agressivo, deste modo, surge o ambiente familiar da criança e a atitude emocional dos pais, sobretudo da mãe, e as práticas educativas disciplinadoras e coercivas, onde são frequentes as punições físicas e ameaças.

Ao se verificar o grau de vitimação através do modelo de relações causais de Olweus (1980), este dá a imagem das possíveis relações de causalidade que existem entre as variáveis que fazem parte do modelo. Deste modo, as primeiras variáveis a serem consideradas são o negativismo materno e o temperamento.

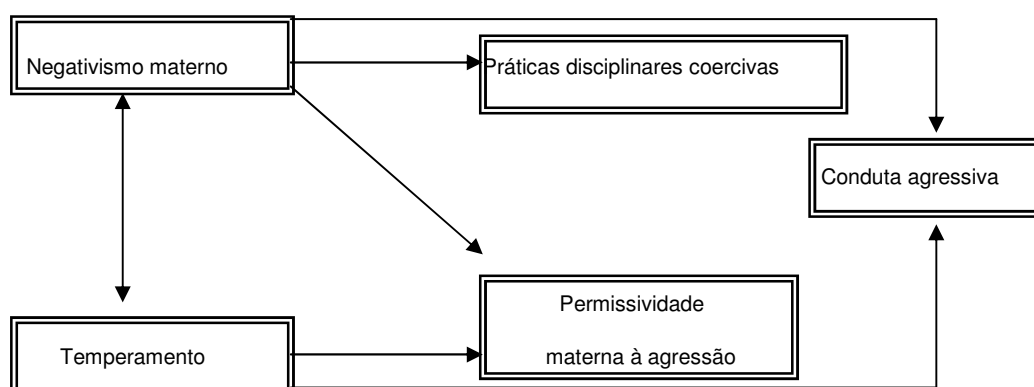


Figura 2. Modelo de relações causais para o padrão agressivo (Olweus 1980)

No entanto existem outras variáveis incluídas no modelo (negativismo do pai, identificação com a figura paterna) que não aumentam a variância da agressão.

Como conclusão fica a ideia de que a qualidade emocional e afectiva das relações parece influenciar no desenvolvimento do padrão agressivo. Relativamente à ausência do pai, esta influência não se nota de forma directa, mas por intermédio da mãe (Olweus, 1980 citado por Almeida, 1995).

Uma última questão sobre o padrão agressivo é a da associação entre os comportamentos agressivos praticados na escola e as condutas anti-sociais, ou seja, o pré-adolescente ou adolescente com perfil de actuação agressivo muito provavelmente desenvolverá outras formas de comportamento anti-social (Olweus, 1993 citado por Almeida, 1995).

2.3. Atitudes sociais face às manifestações dos maus tratos

Uma atitude é uma posição mental particularmente estável, sustentada relativamente a uma ideia, objecto ou pessoa. As atitudes não nascem conosco, são adquiridas no processo de integração do indivíduo na sociedade, isto é, são apreendidas no meio social. Basicamente, é na infância e adolescência que os pares assumem grande importância na formação das atitudes, isto porque são indivíduos de idade aproximada com os quais convivem.

No âmbito, dos maus tratos entre pares as atitudes sociais desenvolvidas remetem-nos para a situação de dominância sobre o outro, ou seja, o agressor tenta dominar a sua vítima, sobretudo usando a sua força e poder.

A este nível, a dominância do comportamento biológico faz parte da história teórica da evolução da biologia e da sociobiologia, isto é, sugere quando qualquer indivíduo necessita de ser aceite no grupo como membro, mas em simultâneo como um bom competidor. Outros necessitam de ser a parte social do grupo, onde a presença dos outros facilita a aquisição de recursos que são difíceis de obter individualmente.

A influência das crianças inicia-se com os seus pares, o poder exercido por vezes implica o respeito e a afeição. Outros há que dominam de forma agressiva.

As duas estratégias estão associadas à falta de controlo, às vezes as duas estratégias até podem surgir em simultâneo.

Salienta-se o estudo de Hawley, Little & Pasupathi (1996), em que os autores apenas examinaram dois tipos de dominância social: o coercivo e o prosocial, uma vez que estes dois tipos oferecem apenas aspectos ligados com o desenvolvimento social e a personalidade. No entanto, Hawley & Little (1999) sugerem que a dominância entre os grupos se divide na distribuição das respostas para pró-social e coercivo e que formem os seguintes grupos (1) os controladores pró-sociais; (2) os controladores coercivos; (3) os controladores bio-estratégicos; (4) as crianças subordinadas e (5) as crianças típicas.

Deste modo, no seu estudo realizado com 719 crianças do 3º ao 6º grau, de três escolas de Berlim, Alemanha, foram testadas as diferenças relacionadas com as características da personalidade, a motivação nas relações com os amigos, a integração social de acordo com as estratégias de controlo. Os resultados indicam que, os controladores pró-sociais revelam características positivas (agradável), motivação intrínseca na relação com os amigos. Em contraste os coercivos revelam características negativas (hostilidade) e motivação extrínseca na relação com os amigos. Contudo aos outros grupos estão associadas a características de ambos os tipos (coercivo e o pró-social).

Partindo do pressuposto que nem sempre o estilo agressivo é percebido negativamente (Olweus, 1993 citado por Almeida, 2000) e, em circunstâncias particulares, como sejam os grupos em que os agressores são a norma, as crianças agressivas não são rejeitadas.

Contudo, nem todas as crianças são capazes de manter relações satisfatórias com os pares, isto porque existe uma grande heterogeneidade na relação de agressividade entre os pares (Estell, Farmer, Pearl, Van Acker & Rodkin, 2003) e por sua vez, esta agressividade pode conduzir à rejeição por parte dos pares sobretudo em contexto escolar (Schwartz, McFadyen-Ketchum, Dodge, Petit & Bates, 1999).

Reflexão final

Ao longo do segundo capítulo debruçamo-nos nas questões ligadas com a percepção social e suas possíveis implicações.

Começamos por abordar as nomeações e as auto-nomeações pelos pares, este aspecto foi indicador das avaliações que os pares fazem de si próprios e dos outros.

Podemos ainda verificar que os dados desenvolvimentais, nomeadamente a idade, o género e as características da personalidade podem de certa forma influenciar no desenvolvimento dos maus tratos, juntamente com alguns indicadores de ajustamento social.

Para conhecermos melhor as características que estão inerentes às vítimas e aos agressores exploramos os seus perfis de acordo com Olweus (1993).

Para ultimar, salientamos a importância deste capítulo, como sendo o mais pertinente para a compreensão da problemática inerente ao nosso estudo.

CAPÍTULO III

1. Estudo Empírico

1.1. Apresentação do estudo

Ao longo do terceiro capítulo descrevemos o estudo empírico realizado, onde analisamos as percepções de adolescentes portugueses acerca dos maus tratos entre pares, a partir da aplicação de um questionário a uma amostra de alunos a frequentar o 2.º e 3.º ciclos do ensino básico em duas escolas do concelho de Ribeira de Pena em Cerva e Ribeira de Pena. No presente capítulo apresentamos os objectivos, as questões de investigação e os procedimentos metodológicos, com particular destaque para a amostra, instrumento e procedimentos inerentes ao estudo. Por último, apresentamos, analisamos e discutimos os resultados obtidos a partir do tratamento das respostas ao questionário *Scan Bullying*.

O presente trabalho insere-se no quadro dos estudos que investigam as relações entre a cognição e a experiência social e pretende contribuir para a compreensão de algumas das dimensões cognitivas, emocionais e sociais relacionadas com os maus tratos através da exploração das percepções que adolescentes portugueses em idade escolar fazem dos protagonistas de situações de vitimização entre pares, perscrutando as atitudes face a agressores, vítimas e observadores.

1.2. Objectivos do estudo empírico

Os objectivos do estudo empírico são essencialmente: a recolha e a análise dos dados que incidem sobre: (1) a percepção pessoal dos maus tratos entre pares; (2) a vivência de sentimentos por experiência emocional de vítimas e agressores; (3) a atribuição causal dos maus tratos entre pares; (4) as estratégias utilizadas

para responder às situações de vitimização. Em suma, o desenvolvimento de um estudo sobre a percepção social dos maus tratos com adolescentes portugueses através da selecção de uma amostra de alunos a frequentar o 2.º e 3.º ciclos da escolaridade básica no Distrito de Vila Real; dando continuação a estudos anteriores e contribuir para a validação do questionário *Scan Bullying*; preconizando que o estudo ajude o desenvolvimento de estudos sobre os maus tratos entre pares em Portugal e evidencie a importância destes estudos para a compreensão da violência infantil e juvenil; por último, que este estudo auxilie na compreensão das dimensões cognitivas e emocionais associadas aos maus tratos através da exploração dos conhecimentos, das atitudes, das crenças, das atribuições, das emoções que os adolescentes experimentam de forma directa ou mediatizada perante situações de maltrato entre pares.

1.3. Questões de investigação

A elaboração das questões de investigação teve por base a revisão dos estudos empíricos anteriormente realizados e os objectivos considerados para o presente estudo.

Na primeira questão de investigação prevemos observar que a percepção social dos maus tratos entre pares varie em função da experiência de maus tratos, ou seja, em função do papel que os pares podem assumir como vítima, agressor e espectador. Adicionalmente preve-se que a percepção social dos maus tratos esteja associada à gravidade dos maus tratos, aspecto que se prende com a ocorrência, isto é, se é ou foi alvo de maus tratos pelos pares (poucas, algumas ou muitas vezes) ou se agrediram alguém e ainda se mantiveram um estatuto de observadores.

Deste modo, considera-se que a experiência de vitimização de pares não está limitada ao facto de os jovens terem sido vítimas ou agressores, ou terem participado de forma mais ou menos activa em maus tratos praticados a outros colegas, mas que a experiência compreende ainda a observação desses maus tratos e da posição social mantida no grupo de pares; donde, a primeira questão de investigação equaciona a possibilidade do papel dos participantes condicionar as cognições sociais acerca do fenómeno, nomeadamente, a percepção de agressores, vítimas e observadores.

A segunda questão de investigação pretende relacionar as diferenças observadas ao nível das explicações do fenómeno pelos participantes do estudo, podendo estar associadas às características da personalidade, às atitudes do grupo e à educação parental.

Por sua vez, a terceira questão de investigação está ligada aos sentimentos atribuídos a vítimas e a agressores pelos sujeitos do estudo, estes sentimentos podem apresentar dois pólos, um mais positivo favorável à vítima e um mais negativo relacionado com o agressor. Assim sendo, a atribuição de sentimentos a vítimas a agressores está associada aos papéis de participante

Relativamente à quarta questão de investigação, é de referir a relação possível entre as estratégias de resposta das vítimas com os papéis sociais dos participantes. Parte-se do princípio que a compreensão das estratégias de resposta das vítimas esteja igualmente associada aos papéis de participante.

Na última questão de investigação, sendo ela a quinta, não se prevêem encontrar diferenças ligadas ao género, sendo, no entanto, de hipotetizar encontrar diferenças de idade entre os grupos extremos nas variáveis dependentes. Relativamente à idade, os estudos apontam para um decréscimo na frequência dos actos agressivos com a idade (Salmivalli, 1999), o que de certa forma indicará a maturidade social que vai surgindo nesta fase de desenvolvimento; o que leva a considerar que as representações sociais dos adolescentes inquiridos possam evidenciar essa tendência de desaprovação dos maus tratos e dos comportamentos de agressores, acompanhada de uma maior empatia para com as vítimas. É ainda provável que dois outros aspectos aconteçam: 1) ganhos na competência social das vítimas para lidar com as situações de mau trato; 2) a dificuldade em assumir e falar da situação a terceiros.

2. Método

Tendo por propósito estudar a percepção social dos maus tratos de adolescentes portugueses que se encontram a frequentar o 2.º e 3.º ciclos da escolaridade básica, decidiu-se dar continuidade a estudos anteriores e contribuir para os estudos de validação do questionário *Scan-Bullying* e, dessa forma, para o

estudo das relações que se estabelecem entre a experiência social e a cognição dos maus tratos e vice-versa.

Passamos a descrever os procedimentos metodológicos relacionados com a amostra, que neste estudo foi uma amostra de conveniência.

Deste modo, os procedimentos circunscrevem-se à selecção da amostra, ao instrumento, à recolha de dados e posterior análise e discussão.

2.1. Projecto-Piloto do *Scan Bullying*

O estudo piloto no âmbito do presente estudo de aplicação do *Scan Bullying* (Almeida & Caurcel, 2005) teve como objectivos prioritários verificar as dificuldades que poderiam surgir no preenchimento do questionário e efectuar uma pequena estimativa do tempo que os sujeitos demorariam a preencher o referido questionário, não esquecendo os outros aspectos que o questionário pretendia avaliar relativamente ao fenómeno dos maus tratos entre pares em contexto escolar.

Neste sentido, aplicou-se o questionário a uma amostra de setenta e dois alunos/as distribuídos por trinta e oito do sexo masculino e trinta e quatro do sexo feminino. A idade dos sujeitos variou entre os onze e os dezoito anos de idade, a média das idades situou-se entre os doze e os catorze anos respectivamente.

Assim, a aplicação ocorreu em duas escolas do distrito de Vila Real, correspondendo a uma turma do 6.º ano e a outra do 8.º ano de escolaridade da escola EB 2,3 de Cerva, com um total de vinte e sete sujeitos; e a uma turma do 7.º ano e a outra do 9.º ano de escolaridade da escola EB 2,3/s de Ribeira de Pena, com um total de quarenta e cinco sujeitos.

Desta forma, o preenchimento do questionário ocorreu durante o mês de Dezembro de 2005, a sua duração foi de cerca de cinquenta minutos, realizou-se em sala de aula com a colaboração dos directores de turma ou de outros professores.

Desta aplicação do questionário salienta-se em primeiro lugar que, os sujeitos apresentaram algumas dúvidas no preenchimento do questionário *Scan Bullying* (Almeida & Caurcel, 2005), sobretudo no que se refere ao significado de

alguns adjectivos e de algumas frases, evidenciando dificuldades na compreensão de algumas questões; por último, foi ainda possível calcular o tempo que demorariam os sujeitos a preencher o questionário, chegando-se à conclusão que necessitavam de mais cerca de dez a quinze minutos do que o tempo anteriormente previsto.

Após terem sido observadas as constatações referidas, estas permitiram chegarem a determinadas conclusões tais como: o questionário apresenta uma escrita que não é de fácil compreensão para público-alvo; o facto de o questionário apresentar 36 questões no total, pode ser considerado muito extenso e cansativo no seu preenchimento (ainda que o objectivo seja o questionário abordar o máximo de itens possíveis relacionados com a problemática dos maus tratos).

Perante estes aspectos foi necessário proceder a algumas alterações que beneficiariam os participantes do estudo e que não interferissem com os resultados que seriam esperados. Assim sendo, modificaram-se alguns adjectivos, chegando mesmo a serem alterados por sinónimos equivalentes, optou-se ainda por alongar o tempo previsto no preenchimento do questionário para que todos os envolvidos o concluíssem no período estipulado e com êxito.

2.2. Participantes

A amostra foi constituída por um total de 307 indivíduos, com idades compreendidas entre os onze e os dezoito anos de idade.

Idade	N	%
Não respondeu	8	2,6
11	45	14,7
12	50	16,3
13	58	18,9
14	62	20,2
15	48	15,6
16	20	6,5
17	15	4,9
18	1	,3
Total	307	100,0

Quadro 2 - Idade dos sujeitos

Os participantes do estudo foram seleccionados em duas escolas do 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico do distrito de Vila Real, isto é, da escola EB 2,3/s de Ribeira de Pena e da escola EB 2,3 de Cerva.

Deve-se considerar que o contexto geográfico em que as escolas estão localizadas é no Interior Norte de Portugal, onde as aldeias e vilas são isoladas geograficamente, o nível socioeconómico é baixo, atendendo à falta de oportunidades de emprego, a escolaridade é quase inexistente, e claro que no nível cultural existem muitas privações.

No entanto, os participantes das duas escolas apresentam características similares, de acordo com a idade, o ano escolar, o ciclo do ensino básico em que se inserem.

2.3. Instrumento de avaliação

2.3.1. Questionário Scan Bullying

O instrumento que foi utilizado nesta investigação designa-se *Scan Bullying* sendo a forma abreviada de “*Striped-Cartoon Narrative of Bullying*”, que decorre precisamente de se tratar de uma narrativa gráfica em suporte de cartão, apresentada em 10 cartões (ver as dimensões exactas). A narrativa gráfica constitui um estímulo para a análise por crianças e adolescentes e é apresentada no contexto de uma entrevista ou questionário (caso do presente estudo) em que o objectivo da sua utilização foi que os participantes interpretassem e respondessem a um conjunto de questões sobre as relações de vitimização entre os pares. A narrativa original é composta por 10 vinhetas de histórias de mau trato entre os pares.

O questionário compreende 36 questões e encontra-se organizado em secções que permite avaliar dados, relativos:

1. Às representações da história e dos seus protagonistas através de questões, em que lhe é pedido por escrito a sua interpretação da situação de maus tratos; de seguida surgem algumas questões relacionadas com a compreensão e os sentimentos que a história poderá despertar e os motivos para situações deste tipo ocorram;

2. Às percepções das vítimas e agressores, secção em que se integram um conjunto de questões sobre os atributos e as emoções dos protagonistas, incluindo dois itens que analisam especificamente as emoções morais e as justificações para a sua atribuição.

3. Às inferências sobre as estratégias de resolução por que optam as vítimas para enfrentar a situação de vitimização

4. Às inferências acerca dos fins possíveis para a situação de vitimização. Nesta secção, com o objectivo de obter dados que possibilitassem ter um perfil dos participantes, repete-se o item dos atributos para a caracterização das vítimas e agressores, através da qual é possível terminar a tarefa de resposta ao questionário de forma interactiva.

Em resumo, este tipo de método de questionamento, diversificando o formato de resposta em perguntas abertas, múltipla escolha e resposta fechada, permite recolher o significado das agressões e mau trato entre os pares em diferentes grupos de idades para os quais o questionário foi concebido.

Refira-se também que o *Scan Bullying* apresenta uma versão masculina e uma outra feminina, de modo a facilitar a identificação dos inquiridos com o instrumento. Quanto à estrutura, o questionário é constituído por trinta e seis questões e acompanha-se de uma folha com as imagens (dez imagens) que descrevem a situação de maltrato entre pares.

O questionário *Scan Bullying* apresenta também uma narrativa relacionada com a vitimização entre pares. Esta narrativa ilustrada envolve diversas imagens que reproduzem as diferentes formas de maus tratos, debruçando-se sobretudo na percepção acerca dos maus tratos, os actores e os sentimentos expressos, para além da fraqueza da vítima. Adicionalmente, à história inicial de dez episódios incluem-se mais cinco, representando os prováveis finais da narração. Deste modo, o *Scan Bullying* engloba no total quinze vinhetas em duas versões, sendo uma masculina e outra feminina, como se pode verificar nos exemplos apresentados na figura 3.

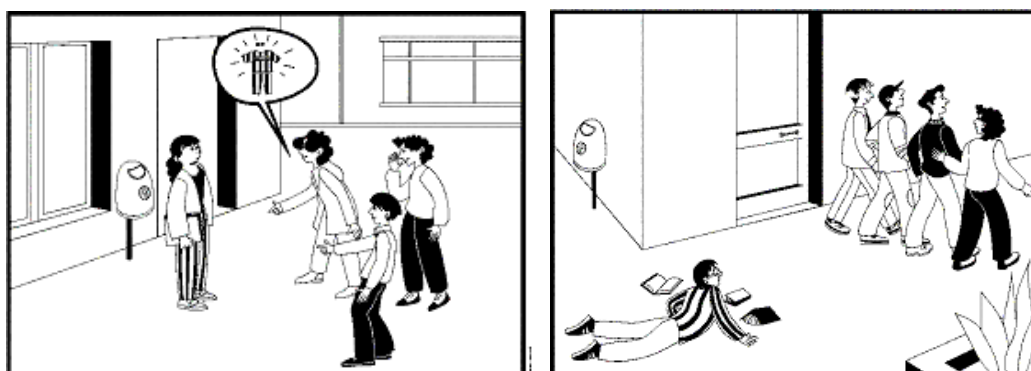


Fig. 3 – Duas lâminas da narrativa do *Scan Bullying*. A primeira lâmina representa a versão feminina, mostrando uma agressão verbal relacionada com a forma de vestir da colega; a segunda lâmina é na versão masculina, mostrando uma agressão física dirigida a um companheiro.

O questionário *Scan Bullying* foi realizado com uma versão masculina e outra feminina e é constituído por trinta e seis itens agrupados em diferentes aspectos:

1. Os dados pessoais do participante do estudo
2. A ocorrência do fenómeno
3. Os tipos de maus tratos
4. As causas do *bullying*
5. Perguntas acerca da vítima:
 - a. O perfil da vítima;
 - b. Os sentimentos atribuídos à vítima;
 - c. A estratégia de acção se o participante fosse vítima;
 - d. A experiência enquanto vítima;
6. A experiência enquanto espectador
7. Perguntas acerca do agressor:
 - a. O perfil do agressor;
 - b. Os sentimentos atribuídos ao agressor;
 - c. A experiência enquanto agressor;
8. A atribuição de diferentes emoções às personagens

9. O final da história
10. O perfil dos participantes do estudo

3. Procedimento metodológico e estatístico

Para se poder proceder à aplicação do questionário *Scan Bullying* foi necessário entrar em contacto com os Presidentes dos Conselhos Executivos das duas escolas envolvidas no estudo. Assim, entregou-se o pedido a solicitar a colaboração das escolas e respectivos alunos e posteriormente obteve-se uma resposta positiva por parte dos Presidentes dos Conselhos Executivos das duas escolas, foi então feita uma breve reunião com os professores de forma individual.

Neste seguimento, na breve reunião foram dadas as indicações mais pertinentes e explicados alguns dos procedimentos a utilizar na aplicação do questionário, entre eles destacam-se:

- O tempo estipulado para cada turma para o preenchimento do questionário seria de cerca de cinquenta minutos;
- O questionário apresenta duas versões a feminina e a masculina, devendo ser entregue a cada participante de acordo com a versão;
- Os participantes não devem deixar questões por responder no questionário;
- O questionário será anónimo, no entanto, atribui-se um nome fictício e cortar-se-á uma vinheta, esta corresponderá o nome fictício ao real;
- De seguida as pequenas vinhetas serão colocadas num envelope;
- A recolha dos questionários deverá realizada de forma aleatória.

Após terem sido aplicados, os questionários foram recolhidos para a análise e tratamento dos seus dados.

Em seguida foi realizada uma base de dados que englobou as respostas do questionário *Scan Bullying* de todos os participantes. O programa estatístico utilizado foi o SPSS versão 14. As variáveis são descritas através das medidas descritivas básicas, como: a média, o desvio-padrão e as percentagens.

Dadas as limitações do presente estudo e a diversidade das questões consideradas no questionário, seleccionaram-se algumas questões para análise neste estudo. Os primeiros itens da base de dados foram essencialmente os que caracterizam a amostra do estudo, nomeadamente: a localidade (Cerva ou Ribeira de Pena), a escola (EB 2,3 de Cerva ou EB 2,3 de Ribeira de Pena), o tipo de escola (ensino básico ou ensino básico com secundário), o sexo (masculino ou feminino), a idade (entre os onze e os dezoito anos de idade e o ano de escolaridade (6.º ano-2.º ciclo, 7.º ano-3.º ciclo, 8.º ano-3.º ciclo e 9.º ano-3.º ciclo).

Seguidamente, foram introduzidos outros itens que não merecem grande destaque tendo presente os objectivos do estudo. Ainda assim foram registados na base de dados elementos relativos ao local de residência, à média escolar, à profissão da mãe e do pai e respectivas habilitações literárias e, por fim, o nível socioeconómico da família.

Comparativamente às outras questões, a sua codificação foi realizada de acordo com as respostas, ou seja, cada resposta representa um item (ou variável) da base de dados.

Assinalando a questão (primeira questão) relacionada com a percepção do fenómeno *bullying* em contexto escolar, a sua codificação circunscreveu-se a: omitida, não agressão, agressão episódica e maltrato entre os pares.

Na identificação com os personagens (segunda questão) as opções de resposta poderiam ser: vítima, agressor, líder A, líder B, espectador ou não menciona.

O item relativo às características da vítima (décima questão) ou agressor/es (décima-sexta questão) integra uma lista de dezasseis adjectivos bipolares distribuídos por uma escala de Osgood, um a cinco, em que o 1 corresponde ao adjectivo mais negativo e o 5 ao adjectivo mais positivo, (ex. chata/o 1 2 3 4 5 engraçada/o), tendo-se optado por colocar os adjectivos negativos à esquerda e os positivos à direita, estabelecendo a correspondência com a ordem crescente da escala. Os pares de adjectivos bipolares eram os seguintes: chata/o ou engraçada/o, apática/o ou expressiva/o, cruel ou bondosa/o, choramingas ou dura/o, mentirosa/o ou sincera/o, indesejável como amiga/o ou desejável como amiga/o, parola/o ou fixe, medicas ou valente, tímida/o ou dá-se com todos, fraca/o ou forte, rebelde ou obediente, palerma ou inteligente, arrogante ou humilde,

conflituosa/o ou pacífica/o, mal educada/o ou educada/o, má pessoa ou boa pessoa.

Também se designaram os sentimentos expressos pela vítima (décima-primeira questão) ou pelos agressores (décima-sétima questão) em situações de *bullying*. Aqui foi assinalada a frequência com que ocorreriam as emoções, numa escala likert de cinco pontos, sendo elas: nunca, poucas vezes, algumas vezes, muitas vezes e sempre, e em que os adjectivos eram: culpada/o, sozinha/o, triste, indiferente ao que se passou, magoada/o, assustada/o, envergonhada/o, orgulhosa/o, nervosa/o, chateada/o e invejosa/o.

Outra questão pertinente relaciona-se com a experiência como vítima (décima-quinta questão) ou agressor/es (décima-nona questão), a frequência dos actos foi expressa através: nunca, poucas vezes, algumas vezes, muitas vezes e sempre.

Por último, a questão trigésima -terceira que está associada às estratégias de resolução do problema e nesta caso relacionada com a probabilidade como irá terminar a história que engloba os maus tratos.

4. Apresentação e análise dos resultados do estudo

De acordo com as análises descritivas realizadas aos dados obtidos no questionário *Scan Bullying*, apresenta-se de seguida as consideradas mais significativas para o estudo realizado.

4.1. A percepção do fenómeno dos maus tratos pelos pares

Começamos por salientar que as respostas a esta questão, foram sujeitas a uma análise de conteúdo, por esta se tratar de uma questão aberta do questionário, tendo posteriormente classificado as respostas em três categorias previamente definidas. Deste modo, descrevemos as opções que a questão apresentou: “omitida”, “não agressão”, “agressão” e “maltrato entre pares”, esta codificação permitiu diferenciar os vários significados atribuídos à narrativa gráfica representada no *Scan Bullying*.

Assim na primeira questão, os dados indicam que cerca de 68,7% dos

sujeitos tem a percepção que a história observada representa episódios de maus tratos entre pares em contexto escolar. Apresentamos alguns exemplos: “ (...) os colegas começaram a gozar com ela, não a deixavam entrar na sala e tiraram-lhe as coisas (...)”; “ (...) um rapaz era gozado pelos outros e cortaram-lhe o cabelo (...)”; “ (...) o rapaz era rejeitado pelos colegas (...)”; “ (...) gozavam com ele, porque trazia um pijama vestido, tiraram-lhe os livros e cortaram-lhe o cabelo (...)”; “ (...) pregavam-lhe partidas e maltratavam-no (...)”; “ (...) um rapaz a ser maltratado (...)”; “ (...) deitaram-no ao chão e obrigaram-no a beber (...)”; “ (...) todos a gozavam e todos se riam das suas roupas (...)”; “ (...) rasgam-lhe o caderno e tiram-lho (...)”.

Salienta-se ainda que a percentagem que surge na categoria de “não agressão” pode ser considerada significativa, dado o valor apresentado ser 25,4%, o que de certa forma pode indicar que para os sujeitos as situações de *bullying* entre os pares são consideradas normais e usuais no quotidiano escolar. Exemplos: “ (...) os rapazes estão na escola, conversam e vão para as aulas e depois para o recreio (...) ”; “ (...) o rapaz fica sozinho e sem colegas (...) ”; “ (...) estão na escola a brincar com os amigos (...)”.

Na categoria “agressão” apenas responderam cerca de 4,9% dos sujeitos, daí que as manifestações de maus tratos entre pares são vistas de forma diferente das situações que implicam agressões mais severas para os outros. Exemplos: “ (...) e batiam-lhe (...) ”; “ (...) havia muita violência e falta de solidariedade (...)”; “ (...) um rapaz que não tinha amigos e os outros tratavam-no mal (...)”; “ (...) e ameaçam o rapaz (...)”.

Finalmente, a categoria “omitida” teve somente 1,0 % de respostas, o que é considerado bom em relação ao total dos sujeitos implicados no estudo, (ver quadro 3).

Opções de resposta	FREQUÊNCIA (N)	PERCENTAGEM (%)
Maltrato entre pares	211	68,7
Não agressão	78	25,4
Agressão	15	4,9
Omitida	3	1,0
Total	307	100,0

Quadro 3: Dados relativos à descrição da história observada.

4.2. Os sentimentos atribuídos pelos sujeitos numa situação de maus tratos

No questionário *Scan Bullying*, foi pedido a todos os participantes que escolhessem três adjectivos, sendo apresentados um total de doze, para que estes identificassem qual ou quais o/os sentimento/os que atribuíam a uma situação de maus tratos.

Os participantes do estudo quando confrontados com uma situação de maus tratos, dizem-se maioritariamente tristes (72,6%), chateados (56,0%), e em último lugar admitem poder sentir-se furiosos (42,3%). Desta forma, podemos verificar que os actos de *bullying* não são vividos de forma positiva e nem dão lugar a emoções positivas por parte dos participantes. Foi notória a percentagem que obtiveram mais dois dos adjectivos relacionados com os sentimentos, nomeadamente o nervoso (28,0%) e o assustado (24,4%), (ver quadro 4).

SENTIMENTOS “Como te sentes?”	FREQUÊNCIA (N)	PERCENTAGEM (%)
Triste	223	72,6%
Chateado	172	56,0%
Furioso	130	42,3%
Nervoso	86	28,0%
Assustado	75	24,4%
Indiferente	30	9,8%
Culpado	27	8,8%
Envergonhado	18	5,9%
Feliz	5	1,6%
Satisfeito	5	1,6%
Divertido	4	1,3%
Contente	3	1,0%
Total	307	100%

Quadro 4: Os sentimentos atribuídos numa situação de maus tratos.

4.3. A percepção mediante o estatuto

4.3.1. Como vítima

Considerando a auto-percepção, ou seja, a percepção que os jovens têm acerca do seu envolvimento numa situação de *bullying* entre os pares (auto-percepção). Os resultados da questão sobre a auto-percepção indicam-nos que 11,7% dos participantes do estudo se auto-percebem “algumas vezes” como sendo a vítima em situações de maus tratos entre pares, seguida da opção “muitas vezes” que obteve 2,3% e por último a resposta “sempre” em que apenas 1,3% dos sujeitos responderam afirmativamente. Todavia, cerca de 57,0% da nossa amostra, refere que “nunca” se envolve em situações de maus tratos com os pares e 27,7% afirma que “poucas vezes” está implicado em actos agressivos (ver quadro 5).

Opções de resposta	FREQUÊNCIA (N)	PERCENTAGEM (%)
Nunca	175	57,0
Poucas vezes	85	27,7
Algumas vezes	36	11,7
Muitas vezes	7	2,3
Sempre	4	1,3
Total	307	100,0

Quadro 5: Auto-percepção da experiência como vítima.

Nesta sequência dos resultados, optamos por agrupar as cinco opções de resposta em apenas duas para se visualizar mais facilmente o envolvimento dos nossos sujeitos, assim sendo, temos a categoria vítima (sempre, muitas vezes e algumas vezes) e a categoria não envolvido (poucas vezes e nunca). Considerando apenas as duas categorias apuramos que 84,7% dos sujeitos não se percebem como sendo vítima, ou seja, são os “não envolvidos”, no entanto 15,3% assumem o papel de vítima no grupo dos pares (ver fig. 4).

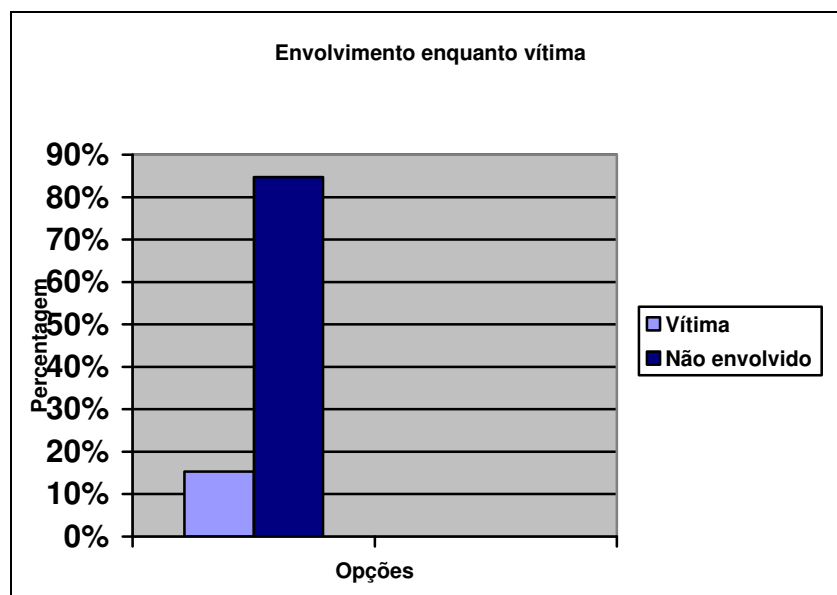


Fig.4 – Gráfico do envolvimento enquanto vítima dos sujeitos

4.3.2. Como agressores

Atendendo agora à auto-percepção como agressores, uma vez mais foi utilizada a escala composta por cinco (5) respostas, sendo elas: nunca, poucas vezes, algumas vezes, muitas vezes e sempre.

Reportando-nos ao quadro apresentado abaixo (ver quadro 6), é visível que a percentagem de sujeitos que se percebem como agressores na opção “algumas vezes” é a mais elevada com 11,4%, contudo a percentagem apresentada para a resposta “muitas vezes” e para a “sempre” quase se iguala, respectivamente 1,6% e 1%. Seguidamente interessa observar os dados obtidos nas outras duas opções, como na resposta “nunca” em que 57,7% dos participantes se visualizam como não envolvidos em actos de maus tratos sobretudo enquanto agressores e elementos centrais do cenário de *bullying*. Na última opção 27,4% da amostra indica que “poucas vezes” se assumiu como agressores perante o grupo de pares.

A título de comparação poder-se-á referir que, a percentagem obtida na auto-percepção como agressores é inferior a das vítimas.

Opções de resposta	FREQUÊNCIA (N)	PERCENTAGEM (%)
Nunca	177	57,7
Poucas vezes	84	27,4
Algumas vezes	35	11,4
Muitas vezes	5	1,6
Sempre	3	1,0
Total	307	100,0

Quadro 6: Auto-percepção da experiência como agressores.

Uma vez mais, achamos pertinente agrupar as cinco respostas dadas pelos participantes em duas categorias: agressores (sempre, muitas vezes e algumas vezes) e não envolvidos (poucas vezes e nunca).

A este propósito, na categoria “agressores” obtivemos cerca de 14%, o que indica que esta percentagem de alunos afirma ter participado como agressores, porém na categoria “não envolvidos” a percentagem foi de aproximadamente 85,1% de alunos que não se percebem como sendo agressores (ver fig. 5).

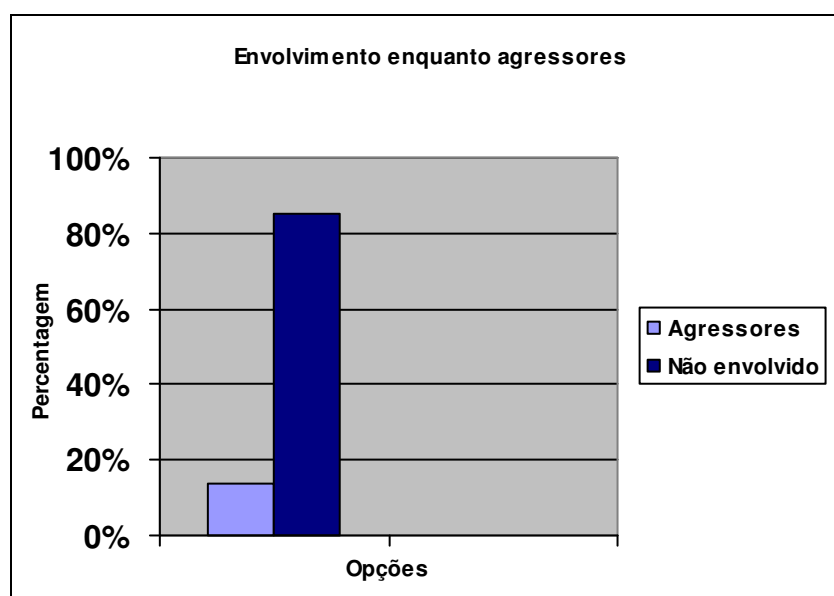


Fig.5 – Gráfico do envolvimento enquanto agressores dos sujeitos

4.4. O perfil da vítima

4.4.1. As características da vítima

No âmbito do perfil da vítima pediu-se aos participantes que descrevessem a personalidade da vítima enquanto personagem da história dos maus tratos, através de uma série de catorze adjectivos sendo estes apresentados numa escala que vai do 1 ao 5.

Em relação à escala de 1 a 5, note-se que o 1 da escala representa o valor mais elevado do pólo negativo e por sua vez, ao 5 é atribuído o valor máximo do pólo positivo. Neste sentido, para que os valores não levassem a uma possível dispersão de dados, optou-se por transformar os valores dois e quatro da escala original em valores um e cinco, no entanto o valor três não teve qualquer mudança, dado representar o valor neutro da escala.

Reportando agora para o quadro abaixo apresentado, verifica-se que os valores mais baixos, ou seja, de 1 a 2 o pólo negativo, indicam que o perfil da vítima está relacionado com características de uma pessoa tímida e fraca em termos de personalidade. Desta forma, o pólo positivo de 4 a 5, remete para características ligadas à vítima, tais como, bondosa, sincera, inteligente, humilde, calma, educada e boa pessoa.

Conclui-se que, o pólo positivo caracteriza a dimensão mais benéfica à socialização da vítima, dado ter associadas sete características. O pólo negativo apenas corresponde a duas características do perfil que menos favorece a vítima (ver quadro 7).

Adjectivos	Média	Desvio padrão
Vítima: Chata/o vs Engraçada/o	3,24	1,044
Vítima: Apática/o vs Expressiva/o	2,65	1,247
Vítima: Cruel vs Bondosa/o	4,36	,842
Vítima: Dura/o vs Choramingas	3,35	1,078
Vítima: Mentirosa/o vs Sincera/o	4,19	,908
Vítima: Indesejável vs Desejável como amiga/o	3,48	1,240
Vítima: Parola/o vs Fixe	3,42	1,130

Vítima: Medricas vs Valente	3,10	,987
Vítima: Tímida/o vs Extrovertida/o	1,95	1,190
Vítima: Fraca/o vs Forte	2,98	,920
Vítima: Obediente vs Rebelde	4,24	,875
Vítima: Palerma vs Inteligente	4,11	,910
Vítima: Arrogante vs Humilde	4,13	,867
Vítima: Conflituosa/o vs Calma/o	4,26	,828
Vítima: Mal educada/o vs Educada/o	4,55	,718
Vítima: Má pessoa vs boa pessoa	4,44	,783

Quadro 7: O perfil da vítima.

4.4.2. Os sentimentos da vítima

Os sujeitos do estudo tiveram oportunidade de escolher os sentimentos, que na sua opinião, a vítima assume quando está envolvida numa situação de maus tratos, salientam-se: triste (94,7%), sozinha (93,5%) e magoada (91,5%), (ver quadro 8).

Nesta sequência, os adjectivos que a vítima não manifesta são essencialmente: orgulhosa (81,2%), invejosa (77,5%) e culpada (69,7%), (ver quadro 8).

Sentimentos	Sim (Percentagem) %	Não (Percentagem) %
Triste	94,7	5,3
Sozinho	93,5	6,6
Magoado	91,5	8,4
Assustado	88,6	11,4
Envergonhado	83,8	16,3
Chateado	77,2	22,8
Nervoso	74,6	25,4
Indiferente	42,3	57,7
Culpado	30,3	69,7
Invejoso	22,4	77,5
Orgulhoso	18,9	81,2

Quadro 8: Os sentimentos da vítima

Dando continuidade aos sentimentos expressos pela vítima dos actos agressivos, podemos ver no gráfico apresentado abaixo que, a vítima desenvolve sentimentos associados as suas características (ver fig. 6), no entanto, os participantes do estudo apesar de lhe atribuírem estas características, percebem que esta experiência induz sofrimento para a vítima, mas que estas percepções apenas indicam um sentido de adequação social, ou seja, espera-se o socialmente desejado em que sejam capazes de ver as vítimas como pessoas e que não merecem o que lhe acontece.

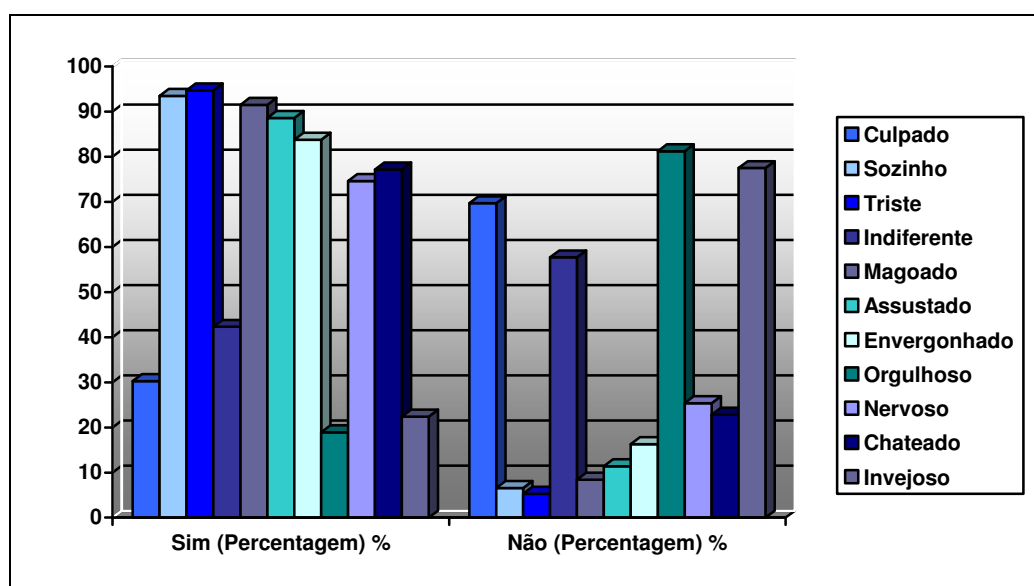


Fig 6 – Gráfico dos sentimentos da vítima

4.5. O perfil dos agressores

4.5.1. As características dos agressores

Tal como no perfil da vítima foi criada uma escala um (1) a cinco (5), de igual forma para o perfil dos agressores essa mesma escala foi desenvolvida.

No que se refere aos agressores, o perfil que estes apresentam é bastante negativo, isto porque surge adjectivos tais como, chatos, mentirosos, indesejáveis como amigos, parolos, palermas, arrogantes, conflituosos, mal educados e más

peçoas, desta forma, estas características estão associadas a atributos de valentia e força (ver quadro 9).

No pólo positivo, apenas surgem três características que representam os aspectos mais propícios à socialização dos agressores. No entanto, no pólo negativo surgem nove componentes que estão ligadas com a competência social, com a percepção e os estereótipos negativos acerca dos agressores (ver quadro 9).

Adjectivos	Média	Desvio padrão
Agressores: Chatos vs Engraçados	1,89	1,207
Agressores: Apáticos vs Expressivos	3,03	1,619
Agressores: Cruéis vs Bondosos	2,82	1,693
Agressores: Duros vs Choramingas	2,74	1,699
Agressores: Mentirosos vs Sinceros	1,80	1,087
Agressores: Indesejáveis vs Desejáveis como amigos	1,93	1,232
Agressores: Parolos vs Fixes	1,96	1,193
Agressores: Medricas vs Valentes	3,55	1,357
Agressores: Tímidos vs Dão-se com todos	3,63	1,249
Agressores: Fracos vs Fortes	3,59	1,391
Agressores: Obedientes vs Rebeldes	1,54	,957
Agressores: Palermas vs Inteligentes	1,70	1,088
Agressores: Arrogantes vs Humildes	1,50	,934
Agressores: Conflituosos vs Calmos	1,61	,962
Agressores: Mal-educados vs Educados	1,47	,915
Agressores: Más vs boas pessoas	1,47	,894

Quadro 9: O perfil dos agressores.

4.5.2. Os sentimentos atribuídos aos agressores

Para além das características, foi ainda pedido aos participantes do estudo que atribuíssem alguns sentimentos aos agressores, ou seja, como é que estes se sentem numa situação de maus tratos em que eles estão envolvidos.

Efectivamente, os três sentimentos que os agressores expressam são: orgulhosos (80,1%), indiferentes (63,1%) e invejosos (58,4%), deste modo,

segundo os sujeitos, os agressores sentem-se orgulhosos, indiferentes e invejosos perante as suas vítimas, dando uma ideia de superioridade (ver quadro 10).

No entanto, os agressores não se sentem: sozinhos (88,3%), magoados (86,6%) e envergonhados (85,6%) nas agressões aos pares, dado estes agirem com a ajuda de outros pares (ver quadro 10).

Desta forma, vão socialmente manipular as situações em seu benefício, acabamos por desculpar em função das suas características.

Sentimentos	Sim (Percentagem) %	Não (Percentagem) %
Orgulhosos	80,1	19,9
Indiferentes	63,1	36,8
Invejosos	58,4	41,7
Nervosos	29,3	70,7
Chateados	18,6	81,5
Assustados	15,4	84,7
Culpados	15,3	84,7
Tristes	14,6	85,3
Envergonhados	14,3	85,6
Magoados	13,4	86,6
Sozinhos	11,7	88,3

Quadro 10: Os sentimentos atribuídos aos agressores.

Em seguida, é apresentado o gráfico relativo aos sentimentos dos agressores, de forma a se visualizar mais rapidamente os escolhidos pelos sujeitos do estudo (ver fig. 7).

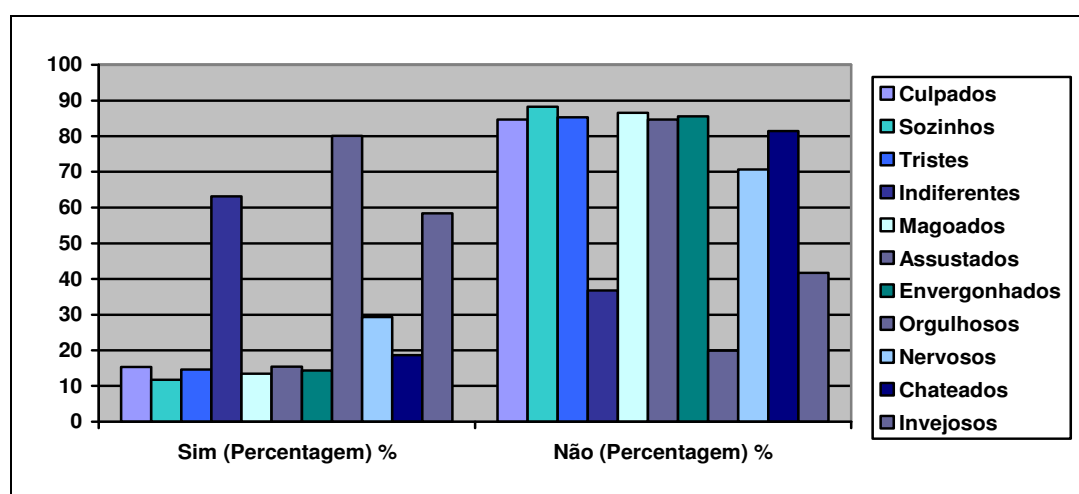


Fig. 7 - Gráfico dos sentimentos atribuídos aos agressores.

4.6. As estratégias de resolução do problema

Para finalizar as questões do questionário *Scan Bullying* optou-se por apresentar aos participantes do estudo, através de cinco (5) imagens, os possíveis finais para a situação de maus tratos entre pares, que tinha sido apresentada no início do questionário. Assim, foi-lhes pedido para escolherem uma possível solução, com o objectivo de resolver a situação da vítima.

Seguidamente apresentamos o quadro 11, que nos indica as escolhas efectuadas pelos alunos. Basicamente, o final escolhido pelos alunos com maior percentagem foi o optimista (52,8%), considerando a possibilidade de uma pacificação e de relação positiva entre os elementos do grupo de pares.

No entanto, salienta-se o outro final que foi o do isolamento (21,5), antecipando que a vítima permanece só e sem amigos.

Na comunicação da situação a um adulto é seleccionada por apenas 9,8% dos participantes.

Por sua vez, na comunicação da situação com um igual (amigo do grupo) cerca de 8,5% o indicaram fazer.

As represálias para com o agressor, foi o final da história menos escolhida como solução para os maus tratos, assim, somente 2,0% o elegeram como final possível.

Opções de resposta	FREQUENCIA (N)	PERCENTAGEM (%)
Optimista (relação positiva)	162	52,8
Isolamento	66	21,5
Comunicação com um adulto	30	9,8
Comunicação com um igual	26	8,5
Não respondeu	17	5,5
Represálias	6	2,0
Total	307	100,0

Quadro 11: As estratégias para a resolução do problema dos maus tratos

4.7. Discussão dos resultados do estudo

Reportando-nos ao objectivo principal do estudo, sendo ele, as percepções sociais que os alunos do 2.º e 3.º ciclos tem acerca dos maus tratos entre pares, temos que fazer referência que, não existem muitas investigações acerca deste tipo de relação, no entanto este tipo de estudos tem sido efectuados em Portugal e em Espanha com especial incidência para os desenvolvidos por Almeida, Almeida e colaboradores e a equipa de Madrid coordenada pela investigadora Cristina Del Barrio.

A discussão dos resultados e posterior conclusão serão efectuados tendo em linha de conta os objectivos e as questões de investigação delineados para este estudo. Assim, centram-se em dois aspectos fundamentais como: a percepção do fenómeno, os sentimentos atribuídos, a auto-percepção (vítima e agressor), o perfil das características e dos agressores e as estratégias utilizadas; e as diferenças de idade entre os grupos extremos.

Para perceber o aspecto da percepção dos pares, iniciamos o estudo com a questão de qual seria a percepção que os pares tem dos maus tratos, como apresentamos anteriormente, verificou-se que os pares tem a percepção da ocorrência do fenómeno (68,7%), tentando sempre proteger a vítima em relação ao agressor, assumindo maioritariamente o papel de não envolvidos (57,0%).

Seguidamente, surgem os sentimentos que os pares atribuem ao fenómeno, continuando na linha da percepção, ainda que mais associada aos sentimentos, é evidente que os participantes do estudo manifestam primeiramente a tristeza (72,6%), seguido do chateado (56,0%) e do furioso (42,3%), o que poderá levar a fazer uma ilação, ou seja, os pares sentem um desagrado em relação à prática dos actos agressivos para com os pares, chegando mesmo a sentirem algum nervosismo (28,0%) e também algum receio (assustados – 24,4%). Este aspecto também poderá revelar que os pares por vezes não saberão lidar com situações de maus tratos e preferem não se envolver e não tomar partido por ninguém, ou seja, não exteriorizam os seus sentimentos.

Foi evidente que os participantes do estudo se auto-identificavam com os protagonistas dos actos de *bullying*, isto é, alguns deles já tinham tido a experiência como vítimas (11,7%), no fundo já alguém os tinha agredido em contexto escolar,

ainda que a percentagem seja pouca significativa no universo da amostra.

Relativamente à experiência enquanto agressores a percentagem é quase idêntica à da vítima (11,4%), no entanto para marcar superioridade.

De acordo com Salmivalli et al. (1996), os diferentes papéis que os pares podem desempenhar numa relação de maus tratos variam em função do género e dos tipos de agressão desenvolvidos e da aceitação pelo grupo. Embora as diferenças de género não tenham sido objecto de análise detalhada nos resultados, há contudo que assinalar que as raparigas se mostram mais empáticas relativamente à vítima e que os rapazes são percentualmente mais envolvidos nos maus tratos, quer como agressores quer como vítimas.

Quanto ao perfil da vítima, os atributos negativos associados são, nomeadamente, a timidez e a fragilidade. Estes aspectos são visíveis no perfil preconizado por Olweus (1993): timidez e ansiedade; aspecto frágil e sensível.

Por sua vez, os adjectivos positivos são bastantes favoráveis socialmente à vítima, tais como: engraçada/o, apática/o, bondosa/o, desejável como amiga/o, fixe, valente, inteligente, humilde, calma/o, educada/o e boa pessoa.

Quanto ao perfil do agressor, os atributos apresentados para os agressores estão ligados ao pólo negativo, sendo eles: chatos, mentirosos, indesejáveis como amigos, parolos, palermas, arrogantes, conflituosos, mal educados e más pessoas. O pólo positivo manifesta-se através das características de valentia e força. Estas características são evidentes igualmente no modelo de Olweus (1993): fisicamente fortes e costumam ser os mais fortes da turma; são impulsivos, agressivos, dominadores.

Os aspectos favoráveis e desfavoráveis ligados às vítimas e aos agressores foram também encontrados nas investigações internacionais (Boulton, 1999; Schwartz & Chang, 2001).

De acordo com os sujeitos, os sentimentos manifestados pela vítima foram essencialmente: sozinha/o, triste, magoada/o, assustada/o, envergonhada/o, nervosa/o e chateada/o.

Efectivamente, os três sentimentos que os agressores expressam são: orgulhosos (80,1%), indiferentes (63,1%) e invejosos (58,4%), deste modo, os agressores sentem-se superiores à vítima.

Considerando, os sentimentos atribuídos à vítima e aos agressores, segundo Hymel e seus colaboradores (1999) estes encontram-se associados à rejeição por parte dos companheiros, sobretudo na dificuldade de aprofundar relacionamentos aceitáveis com os pares, levando a desajustamentos graduais e perturbando o próprio equilíbrio, bem-estar emocional e afectivo da criança ou jovem.

Para concluir o estudo, questionamos os alunos, levando-os a reflectir sobre as possíveis estratégias para resolver a situação de vitimização apresentada inicialmente.

As suas respostas incidiriam com maior percentagem, na aceitação da vítima entre os elementos do grupo de pares e no isolamento. No que diz respeito à aceitação da vítima, esta pode nos levar a considerar que o grupo tem consciência que a vítima não é culpada pela situação, mas sim que foi envolvida nela, neste caso pelos agressores. A opção isolamento poderá estar associada ao facto de o grupo considerar que a vítima não tem amigos, ficando assim mais desprotegida.

CONCLUSÃO

No decorrer deste estudo, podemos concluir que, o fenómeno dos maus tratos entre pares em contexto escolar, está presente no dia-a-dia dos alunos, apresentando-se sob diferentes aspectos, com consequências e até percepções diversificados por quem o observa ou até o vivência.

O problema central do estudo foi o estudo das percepções sociais que os alunos no 2.º e 3.º ciclos do ensino básico tem acerca dos maus tratos entre pares em contexto escolar.

Os objectivos que nos propusemos alcançar assentaram na análise de diversos aspectos associados aos maus tratos, tais como: (1) o desenvolvimento das relações sociais no grupo de pares e as situações de vitimização; (2) a percepção pessoal dos maus tratos entre pares; (3) os factores que originam comportamentos agressivos; (4) os sentimentos explorados pelas vítimas e agressores; (5) a atribuição causal dos maus tratos entre pares; (6) as estratégias utilizadas para responder às situações de vitimização;

As questões de investigação por nós levantadas foram verificadas, nomeadamente, a percepção social dos maus tratos entre pares varia em função das explicações do fenómeno, da experiência de maus tratos, dos sentimentos atribuídos à vítima e aos agressores e as estratégias de resolução do problema.

Fizemos um estudo com aplicação de algumas análises quantitativas, dentro das quais consideramos, as percentagens, a média, o desvio padrão através de tabelas e gráficos, que visam sobretudo facilitar o tratamento e apresentação gráfica dos resultados do estudo.

Neste estudo verificamos que, os resultados obtidos se encontram de acordo com a literatura e com as investigações realizadas por diferentes autores, assim sendo, em relação ao género, os rapazes envolvem-se mais em comportamentos de agressão directa, usando a força física; as raparigas por sua vez, envolvem-se em formas mais indirectas de *bullying*. Relativamente, à percepção dos adolescentes acerca dos maus tratos nos grupos de pares

evidencia-se que os participantes do nosso estudo têm um conhecimento e uma compreensão que estão longe de poderem considerar-se superficiais. Efectivamente, os participantes reconhecem as diferenças subtis que se situam entre as agressões não intencionais e os maus tratos, bem como a diferença que existe entre um acto ocasional ou incidental e as agressões repetidas, sendo ainda a sua gravidade maior quando se trata de agredir alguém que está só e relativamente desprotegido. Estas características são assinaladas nas definições que fazem das situações de maus tratos, mostrando que para os jovens, mesmo que se consideram maioritariamente como espectadores estas nuances fazem toda a diferença.

No que respeita aos sentimentos atribuídos a agressores e a vítimas evidencia-se, de igual modo, essa capacidade de inferir os sentimentos de uns e outros e, a exemplo do que é reportado em estudos anteriores (Almeida e Caurcel, 2007) e na literatura sobre emoções morais de agressores, em geral, consideram que é relativamente normal esperar-se que os agressores se sintam bastante descomprometidos com o sentimento das vítimas, atribuindo-lhes sentimentos de euforia e ausência de culpa ou vergonha pelas agressões, enquanto as vítimas são vistas como sofrendo de uma anedonia bastante realçada se considerarmos o espectro total de sentimentos anedónicos que lhes são atribuídos.

No estudo ainda realçamos o perfil da vítima e dos agressores, focalizando-nos nas suas características e possíveis sentimentos manifestados no envolvimento em situações de maus tratos entre pares. A exemplo de estudos anteriores (Almeida, Caurcel & Machado, 2006; Almeida, Caurcel & Machado, 2007) evidencia-se que os participantes do nosso estudo apontam um conjunto de características sociais a vítimas e agressores, apontando para um perfil que à primeira vista mostra ser socialmente favorável com as vítimas e desfavorável aos agressores. Contudo, percebe-se que nos perfis destes dois grupos, o desenho feito pelos participantes do nosso estudo não deixa de acentuar as características sociais que se desviam da norma social e que acentuam essas características desfavoráveis e que no grupo de pares são socialmente depreciadas.

Se a estes dados acrescentarmos que relativamente ao final antecipado para a situação de maus tratos, os participantes escolhem maioritariamente o final 'optimista', evidencia-se que a escolha deste final feliz, supondo a possibilidade de reconciliação entre todos e a inclusão e a relação de amizade com a vítima por

parte dos participantes do grupo, não deixa de testemunhar quanto este final feliz se situa no nível de uma idealização que é mais fácil de considerar no plano da história ficcionada do que na realidade.

Pensamos ter contribuído, ainda que humildemente, para poder demonstrar as percepções sociais que os jovens apresentam face a situações de *bullying*, sobretudo a forma como caracterizam a vítima e os agressores, os sentimentos que lhe atribuem, e também a solução que idealizam para o problema.

Sugerimos se nos é possível para futuras investigações, as propostas seguintes, elaboração de actividades no âmbito escolar de forma a detectar actos de *bullying* entre os pares; seguidamente estudar os aspectos que estão inerentes a dinâmica do grupo de pares, percebendo os factores relacionais dos seus elementos.

São questões que ficam como futuras reflexões, como resultado de um projecto inacabado, exigindo permanente reflexão e estudo.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, A. Caurcel, M, J. & Machado, J. (2008) Towards a relational perspective of peer bullying. In D. Pepler & W. Craig (Eds.), *An International Perspective on Understanding and Addressing Bullying*. Ottawa: PREVNet Series.

Almeida, A. (2007). *Os juízos morais de adolescentes acerca das relações de vitimização entre pares a partir da análise das emoções de culpa, vergonha, orgulho e indiferença*, IX Congresso de Psicopedagogia, Universidad Coruña, 19 a 21 de Setembro 2007.

Almeida, A. (2007). A investigação sobre os maus tratos entre pares na escola como base para a intervenção. In P. Sargento (Org.), *Temas Candentes em Psicologia do Desenvolvimento*. Lisboa: Climepsi, pp.109-139.

Almeida, A., Lisboa, C. & Caurcel, M. (2007). Por qué ocurren los malos tratos? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños, *Interamerican Journal of Psychology*, 41, (2), 107-118.

Almeida, A. (2006). Para além das tendências normativas: o que aprendemos com o estudo dos maus tratos entre pares. [Beyond normative tendencies: what we learn from the study of bullying.] *Psychologica*, 43, 79-104.

Almeida, A.; Caurcel, M.J. & Machado, J. (2006). Perceived characteristics of victims according to their victimized and nonvictimized peers. *Electronical Journal of Research in Educational Psychology*, 9,4. 371-396.

Almeida, A. & Caurcel, M. (2005). *Questionário Scan-Bullying. Versão Portuguesa e Castelhana*. Lisboa: Registo de obra na Inspeção-Geral das Actividades Culturais, Ministério da Cultura.

- Almeida, Ana (2005). Suplemento – *Violência na escola: ensine o seu filho a defender-se*. In notícias magazine (Jornal de Notícias) de 20 de Março, 2005.
- Almeida, Ana T. (2002). *A vitimização entre os companheiros em contexto escolar*. In *Violência e vítimas de crime*. Vol. 2- Crianças, Editora Quarteto, Coimbra.
- Almeida, Ana T. (2002). *Um estudo das representações dos maus tratos na pré-adolescência: o scan bullying*. In *Violência e indisciplina na escola*. XI colóquio na Universidade de Lisboa em Novembro 2001, Organizadores: Albano Estrela e Júlia Ferreira, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Almeida, Ana T. & Benítez, J., L. (2002). *Educar para convivência em contextos escolares: avaliação intermédia do programa de intervenção*. In *Violência e indisciplina na escola*. XI colóquio na Universidade de Lisboa em Novembro 2001, Organizadores: Albano Estrela e Júlia Ferreira, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Almeida, A., del Barrio, C., Marques, M., Fernández, I., Gutiérrez, H. & Cruz, J. (2001). A script-cartoon narrative of peer-bullying in children and adolescents. In M. Martínez (Ed.), *Prevention and control of aggression and its impact on its victims* (pp. 161-168). New York: Kluwer Academic/ Plenum Publishers.
- Almeida, Ana T. (2000). *As relações entre pares em idade escolar*, Colecção infans, Centro de Estudos da Criança. Braga: Universidade do Minho.
- Almeida, Ana T. (1995). *Aspectos psicológicos da vitimação na escola: contributos para a identificação do problema*. In *Avaliação psicológica: formas e contextos*. II conferência internacional “Avaliação psicológica: formas e contextos. Organizadores: Leandro S. Almeida e Iolanda S. Ribeiro, Associação dos psicólogos portugueses, Universidade do Minho, Vol. III, Braga.

- Almeida, Ana T., Pereira, B., Valente, V. (1994). *A violência infantil nos espaços escolares: dados preliminares de um estudo no 1.º e 2.º ciclo do ensino básico*. In *Avaliação psicológica: formas e contextos*. II conferência internacional "Avaliação psicológica: formas e contextos. Organizadores: Leandro S. Almeida e Iolanda S. Ribeiro, Associação dos psicólogos portugueses, Instituto de inovação educacional, Vol. II, Braga.
- Almeida, Leandro & Freire, Teresa (2003). *Metodologias da investigação em psicologia e educação*. Psiquilibrios, 3.ª edição. Braga.
- Benítez, J., L., Almeida, A. & Justicia, F. (2005). Educación para la convivencia en contextos escolares: una propuesta de intervención contra los malos tratos entre iguales. *Apuntes de Psicología*, 2005, Vol. 23, nº 1, pp. 27-40.
- Boulton, Michael, J., Trueman, Mark & Flemington, Ian (2002). *Associations between secondary school pupils' definitions of bullying, attitudes towards bullying, and tendencies to engage in bullying: age and sex differences*. In *Educational Studies*, Vol. 28, n.º 4, 2002.
- Camodeca, M.& Goossens, F., A. (2005). *Children's opinions of effective strategies to cope with bullying: the importance of bullying role and perspective*. *Educational Research*, Vol 47, N.º 1, March 2005, pp.93-105.
- Carvalhosa, Susana Fonseca, Lima Luísa & Matos, Margarida Gaspar (2002). *Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português*. In *Análise Psicológica* (2002), 4 (XX): 571-585.
- Caurcel, M. & Almeida, A. (2007). *La perspectiva moral de las relaciones de maltrato entre iguales: análisis exploratorio*, I Congreso Internacional de Violencia Escolar, Universidade de Almeria, 21 a 23 de Novembro 2007.
- Caurcel, M. J.; Almeida, A. & Fernandez, E. (2006). Explicaciones causales del maltrato entre iguales desde la perspectiva de adolescentes españoles y

portugueses. *Revista de Educación de la Universidad de Granada*, 19, 41-57.

Costa, Maria Emilia e Vale D. (1998). *A violência nas escolas*. Instituto de Inovação Educacional, Coleção Ciências da Educação n.º 23.

Craig, W. M., Pepler, D., Connolly, J., & Henderson, K. (2001). Developmental context of peer harassment in early adolescence: The role of puberty and peer group. In J. Juvonen & S. Graham (Eds.), *Peer Harassment in School: The Plight of the Vulnerable and Victimized* (pp. 242 - 261). New York: The Guilford Press.

Del Barrio, C. et al.(2003). *Infancia y Aprendizaje*. Journal for study of education and development, Vol. 26.

Del Barrio, C., Almeida, A., van der Meulen, K., Barrios, A. & Gutiérrez, H. (2003). Representaciones acerca del maltrato entre iguales, atribuciones emocionales y percepción de estrategias de cambio a partir de un instrumento narrativo: SCAN- Bullying. *Infancia y Aprendizaje*, 26, 63-78.

Del Barrio, C., Martín, E., Almeida, A. & Barrios, A. (2003). Del maltrato y otros conceptos relacionados con la agresión entre escolares, y su estudio psicológico. *Infancia y Aprendizaje*, 26, 9-24.

Elsevier, Base de datos da Universidade do Minho (2005, 2006, 2007).

Estell, Farmer, Pearl, Van Acker & Rodkin (2003). *Heterogeneity in the relationship between popularity and aggression: individual, group, and classroom influences*. In *New direction for child and adolescent development*, n.º 101, Fall 2003.

Fernández, Isabel (1998). *Prevención de la violencia y resolución de conflictos*. Narcea, S. A de Ediciones Madrid.

Fontaine, R. & Réveillère, CH. (2004). *Le bullying (ou victimisation) en milieu scolaire: description, retentissements vulnérabilisants et psychopathologiques*. In *Annales medico psychologiques, science direct*, Elsevier.

Hawley, Little & Pasupathi (2002). Winning friends and influencing peers: Strategies of peer influence in late childhood. *International Journal of Behavioral Development* 2002, 26 (5), 466–474.

Houbre, B., Tarquinio, C., Thuillier, I. & Hergott, E. (2006). *Bullying among students and its consequences on health*. In *European Journal of Psychology of Education* 2006, Vol. XXL n 2, pp. 183-208.

Kallestad, Jan Helge & Olweus, Dan (2003). Predicting *teachers' and schools' implementation of the Olweus bullying prevention program: a multilevel study*. In *Prevention & Treatment*, Vol. 6, Article 21, posted October 1, 2003.

Laranjeira, J., Bartolo, Maria G. & Almeida, A. (2002). O contributo dos estudos etológicos na prevenção dos maus tratos no contexto escolar. In *Violência e indisciplina na escola*. XI colóquio na Universidade de Lisboa em Novembro 2001, Organizadores: Albano Estrela e Júlia Ferreira, Fundação Calouste Gulbenkian.

Machado, F. (2003). A vitimização entre pares em contexto escolar: um estudo das percepções de solidão, auto-conceito e maus tratos de crianças vitimadas. Braga: Tese de Mestrado em Formação Psicológica de Professores, não publicada.

Manual of the American Psychological Association (2001). Fifth Edition.

Marchand, H. (2002). *Maus tratos (bullying) nas escolas: alguns dados, alguns problemas e algumas pistas de actuação*. In *Violência e indisciplina na escola*. XI colóquio na Universidade de Lisboa em Novembro 2001,

Organizadores: Albano Estrela e Júlia Ferreira, Fundação Calouste Gulbenkian.

Martins, Maria José, D. (2005). *Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico*. In *Análise Psicológica*, 4 (XXIII): 401-425.

Mellor, A. (1999). Scotland . In Smith, P., Morita, Y., Junger-Tas, J. Olweus, D. Catalano, R. & Slee, P. (Eds) *The Nature of School Bullying: A cross national perspective* (pp.91-111). London: Routledge.

Nesdale, D. & Scarlett, M. (2004). *Effects of group and situational factors on pre-adolescent children's attitudes to school bullying*. *International journal of behavioural development*, 2004, 28, 428-434.

Neto, Aramis A. Lopes (2005). *Bullying - comportamento agressivo entre estudantes*. In *Jornal de Pediatria - Vol. 81, Nº5(Supl)*, 2005 (pp. 164-172).

Nogueira, Rosana (2005). *A prática de violência entre pares: o Bullying nas escolas*. In *Revista Iberoamericana de educação*. nº 37: 93 -102.

Olweus, D. (2000). *Annotation: bullying at school*. In *Psychology of Education*. Edited by Peter K. Smith and A .D. Pellegrini, Volume IV. London and New York.

Ortega, Rosario, Del Rey, Rosário & Fernández (2003). *Working together to prevent school violence: the Spanish response*. *Violence in schools: The response in Europe*. London: RoutledgeFalmer (Taylor &Francis Group).

Österman, K., Björkqvist, K., Lagerspetz, K. M. J., Kaukiainen, A., Huesmann, L. R., & Fraczek, A. (1994). Peer and self-estimated aggression and victimization in 8 - year- old children, from five ethnic groups. *Aggressive Behavior*, 20, 411 - 128.

Pereira, Alexandre (2003). *Guia de utilização do SPSS*. Edições Sílabo: 4ª Edição, Lisboa.

Pereira, B. (2002). *O poder da escola na prevenção da violência entre pares*. In *Violência e indisciplina na escola*. XI colóquio na Universidade de Lisboa em Novembro 2001, Organizadores: Albano Estrela e Júlia Ferreira, Fundação Calouste Gulbenkian.

Pereira, B. et al (2002). *Um olhar sobre o recreio, espaço de jogo, aprendizagem e alegria mas também de conflito e medo*. In *Violência e indisciplina na escola*. XI colóquio na Universidade de Lisboa em Novembro 2001, Organizadores: Albano Estrela e Júlia Ferreira, Fundação Calouste Gulbenkian.

Pereira, B. (2002). *Para uma escola sem violência – Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Perry, D. G., Kusel, S. J., & Perry, L. C. (1988). Victims of peer aggression. *Developmental Psychology*, 24 (6), 807 - 814.

Ramirez, F., C. (2001). *Condutas agressivas na idade escolar*. McGraw Hill, Setembro 2001.

Revista Psicologia Actual de Junho e Setembro (2006).

Rigby, K. (2000). *Peer victimisation at school and the health of secondary school students*. In *Psychology of Education*. Edited by Peter K. Smith and A .D. Pellegrini, Volume IV. London and New York.

Salmivalli, C. (2002). *Is there an age decline in victimization by peers at school?* In *Educational Research*, Vol. 44 n.º 3, pp. 269-277.

Salmivalli, C. (2001). *Feeling good about oneself, being bad to others? Remarks on self-esteem, hostility, and aggressive behaviour*. *Aggression and Violent Behavior* 6 (2001) pp. 375-393.

Salmivalli, C. (2000). *Bullying as a group process*. In *Psychology of Education*. Edited by Peter K. Smith and A .D. Pellegrini, Volume IV. London and New York.

Salmivalli, C., Kaukiainen, A., Kaistaniemi, L. & Lagerspetz, K. M.J. (1999). *Self-evaluated self-esteem, peer-evaluated self-esteem and defensive egotism as predictors of adolescents' participation in bullying situations*. Department of Psychology, University of Turku, Finland.

Salmivalli, C. (1998). *Not only bullies and victims. Participation in harassment in school classes: some social and personality factors*. *Humaniora, Annales Universitatis Turkuensis*, pp. 7-37.

Salmivalli, C., Lagerspetz, K., Björkqvist, K., Österman, K. & Kaukiainen, A. (1996). *Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group*. *Aggressive Behavior*, 22, 1-15.

Sebastião, João, Campos, Joana & Almeida, Ana, T. (2003). *Portugal: the gap between the political agenda and local initiatives*. *Violence in schools: The response in Europe*. London: RoutledgeFalmer (Taylor & Francis Group).

Schwartz, McFadyen-Ketchum, Dodge, Petit & Bates (1999). *Early behaviour problems as a predictor of later peer group victimization: moderators and mediators in the pathways of social risk*. In *Journal of abnormal child psychology*, Vol. 27, n.º 3, 1999, pp. 191-201.

Sciencedirect, Base de dados da Universidade do Minho (2005, 2006, 2007).

Seixas, Sónia Raquel (2005). *Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas*. In *Análise Psicológica*, 2 (XXIII): 97-110.

- Smith, P., Morita, Y., Junger-Tas, J., Olweus, D., Catalano, R. & Slee, P. (1999). *The nature of bullying- a cross- national perspective*. London: Routledge.
- Smith, P., K. & Pellegrini, A., D. (2000). *Psychology of education*. Vol. IV, Social behaviour and the school peer group. London and New York 2000, pp. 536-592.
- Smith, P., K. (2003). *Violence in schools: The response in Europe*. London: RoutledgeFalmer (Taylor & Francis Group).
- Sisto, Fermino Fernandes (2005). *Aceitação–rejeição para estudar a agressividade na escola*. In *Psicologia em Estudo*, vol. 10 n.º 1 Marigá Jan/Apr 2005.
- Stewin, X., M., L., L. & Mah, D., L. (2001). *Bullying in school: nature, effects and remedies*. *Research papers in education* 16, 2001, pp. 247-270.
- Woods, Sarah & Wolke, Dieter (2003). *Does the content of anti-bullying policies inform us about the prevalence of direct and relation bullying behaviour in primary schools?*. In *Educational Psychology*, Vol. 23, n.º 4, September 2003.
- Woods, Sarah, Hall, Lynne, Dautenhahn & Wolke, Dieter (2004). *Implications of gender differences for the development of animated characters for the study of bullying behaviour*. In *Computer in Human Behaviour*, science direct, Elsevier.